

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS LICENCIATURA**

FRANCINE NAZÁRIO DA SILVA

**A EXPERIÊNCIA, O ENSINO E A APRENDIZAGEM EM TEMPOS DE COVID-19:
OLHARES DE PROFESSORES, PROFESSORAS E ESTUDANTES DO CURSO
DE ARTES VISUAIS LICENCIATURA DA UNESC, CRICIÚMA/SC**

CRICIÚMA

2020

FRANCINE NAZÁRIO DA SILVA

**A EXPERIÊNCIA, O ENSINO E A APRENDIZAGEM EM TEMPOS DE COVID-19:
OLHARES DE PROFESSORES, PROFESSORAS E ESTUDANTES DO CURSO
DE ARTES VISUAIS LICENCIATURA DA UNESC, CRICIÚMA/SC**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciada no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Me. Marcelo Feldhaus

CRICIÚMA

2020

FRANCINE NAZÁRIO DA SILVA

**A EXPERIÊNCIA, O ENSINO E A APRENDIZAGEM EM TEMPOS DE COVID-19:
OLHARES DE PROFESSORES, PROFESSORAS E ESTUDANTES DO CURSO
DE ARTES VISUAIS LICENCIATURA DA UNESC, CRICIÚMA/SC**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciada, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 01 de dezembro de 2020. (data da defesa)

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Marcelo Feldhaus – Mestre em Educação - (UNESC) - Orientador

Prof^a Ma. Odete Angelina Calderan - Mestre em Artes Visuais - (UNESC)

Prof^a Dr^a Aurélio Regina de Souza Honorato – Doutora em Ciências da Linguagem -
(UNESC)

Dedico esta pesquisa para todos e todas que acreditam na educação. E àqueles e àquelas que porventura não a reconhecem, ainda há tempo!

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos tendem a ser a parte difícil, não sabemos ao certo por onde começar. São tantas pessoas e lugares/espços que oportunizam aprendizados significativos e que fazem parte das nossas experiências para que possamos chegar até aqui. Mas, não seria possível chegar se não fosse a minha persistência e a vontade de fazer mais por mim mesma, e claro, pela sociedade. Então, obrigada Francine!

Agradeço ao meu pai pelos debates intermináveis sobre política, sobre os acontecimentos mundiais e as possíveis mudanças na sociedade; a pessoa que me ensinou que é possível acreditar em uma sociedade mais justa e igualitária. Agradeço a minha mãe, que foi minha professora na educação infantil e depois no ensino médio, minha diretora quando estive como professora; quem me alfabetizou e mostrou desde sempre que uma educação inclusiva e libertadora para todos e todas é possível. Foram os dois que sempre acreditaram em mim. Foram os dois que sempre viram mais em mim, do que eu mesma. E minha gratidão maior não poderia ser para outras pessoas.

Agradeço ao meu avô Celso que sempre foi turrão e grandiosamente bondoso, divertido e muito informado. A minha avó Hilda que sempre foi motivo de inspiração, força e dedicação. A minha avó Nair que sempre acreditou no poder da comunidade e ensinou que a força se faz no coletivo. Vocês são exemplo, são amor e lembro de vocês a cada passo que dou. Muito obrigada, pelos incentivos!

Agradeço aos professores e professoras da minha vida! Não saberia como agradecer, vocês fazem parte dos motivos que me trouxeram até aqui. E aos meus colegas, em especial na graduação, nas igualdades e nas diferenças oportunizamos trocas incríveis e significativas para minha formação como professora de Artes.

Seria preciso agradecer tantas pessoas no meu percurso acadêmico, mas alguns se fazem necessário citar. Aos meus/minhas colegas do movimento estudantil dos Centros Acadêmicos das Licenciaturas, este foi um ano incrível para trocar e construir com vocês; o presente trabalho tem muito dessa construção. A professora Aurélia, nossa coordenadora, sempre muito preocupada com todos/as, minha orientadora de pesquisa e uma pessoa amiga. A professora Silemar, coordenadora

do Arte na Escola, que durante o tempo que estive como bolsista do polo me ensinou muito, com sua paciência e amor pela formação continuada que me cativou. Aproveito para agradecer a todos/as professores/as do polo Arte na Escola da Unesc, muito obrigada pelas trocas e dicas, vocês são guerreiros/as! Aos meus queridos professores e queridas professoras da graduação, todos e todas são especiais para mim. Muito obrigada!

A todas as escolas que passei como estudante, como estagiária, como bolsista e como professora. Sem dúvida, é o chão da escola que me constrói a cada dia professora!

À Diretoria de Ensino de Graduação e às minhas colegas queridas e parceiras, vocês fazem parte desse percurso. Obrigada Karol e Rafa, pela paciência, carinho e receptividade; meus dias são mais coloridos com vocês. É muito boa e linda a nossa parceria! Professora Andréa, que topa as minhas ideias, por mais ousadas que pareçam. Aprendo muito contigo, obrigada pelas dicas e incentivos!

À Assessoria Pedagógica Universitária, queridos assessores e queridas assessoras, vocês são inspiração. Obrigada por acreditarem e confiarem em mim!

E ao professor Marcelo, meu orientador de Trabalho de Conclusão de Curso, meu professor na graduação, orientador de pesquisa no Inova Unesc e gestor na Diretoria de Ensino de Graduação. Desde a primeira aula na primeira fase, entre tantos acontecimentos em 2017, sempre foi solícito e prestativo. Agradeço a confiança, o aprendizado e as oportunidades. Foi muito bom compartilhar mais este momento com você!

A todos e todas muito obrigada por tanto! Estar nesse mundo é conviver com as diversidades e, portanto, é aprendizado constante.

“Vivenciar a experiência, como respirar, é um ritmo de absorções e expulsões. Sua sucessão é pontuada e transformada em um ritmo pela existência de intervalos, períodos em que uma fase é cessada e uma outra é inicial e preparatória.”

Jonh Dewey, 2010.

RESUMO

A presente pesquisa insere-se na linha de Educação e Arte do Curso de Artes Visuais Licenciatura da UNESCO e tem como objetivo investigar o processo de ensino e aprendizagem dos professores e professoras e estudantes em formação do Curso de Artes Visuais Licenciatura da UNESCO, e o que reverberou das experiências no período de ensino remoto. Problematizo a pensar e refletir sobre em que medida as experiências com o ensino e a aprendizagem em ambiente virtualizado de professores e estudantes de licenciatura em Artes Visuais foram impactados em tempos de Covid-19? Para isso, foi necessário identificar as possibilidades de ensino remoto; compreender o espaço das tecnologias digitais na formação de professores e professoras; ampliar os estudos sobre ensino híbrido e suas relações com a aprendizagem; analisar as metodologias utilizadas no ensino remoto das aulas do Curso de Artes Visuais – UNESCO e compreender o espaço/lugar do ateliê para aprendizagem na formação docente em arte. Utilizo a cartografia como metodologia para a pesquisa, a considerar um caminho aberto às possibilidades de acordo com o que foi apresentado como pistas no percurso da pesquisa. O contexto da cartografia incluiu ainda uma pesquisa de campo, em que o questionário foi aplicado virtualmente com cinco professores/as e cinco estudantes do curso de licenciatura em Artes Visuais. Estes/as ressaltam os desafios para produzir nas aulas de ateliês e possibilidades de adaptação; apontam a falta desses espaços/lugares enquanto componentes essenciais para a formação em Artes Visuais. Ainda falam sobre as aulas mediadas por tecnologias como alternativas e possibilidades para pensar a educação pós-pandemia. A pesquisa apresenta o percurso do ensino e da aprendizagem virtualizada desses/as professores/as e estudantes considerando possibilidades de ensino, como o ensino híbrido e as experiências nos ateliês para a formação de professores e professoras de Artes em formação.

Palavras-chave: experiência, ensino da arte, aprendizagem, virtualidade, COVID-19.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Lambe-lambe utilizado na exposição “Nós estamos trabalhando agora”	16
Imagem 2: entrada da Sala Edi Balod na exposição "Nós estamos trabalhando agora"	20
Imagem 3: Lambe-lambe utilizado na exposição “Nós estamos trabalhando agora”	24
Imagem 4: O relógio - Exposição "Nós estamos trabalhando agora", 2019.	24
Imagem 5: Não-observáveis, série [com 4 imagens] improváveis, 2020.....	26
Imagem 6: Observáveis, série [com 3 imagens] home office I, 2020.	26
Imagem 7: Não-observáveis, série luzes do quintal I, 2020.	26
Imagem 8: Observáveis, série [com 3 imagens] home office I, 2020.	29
Imagem 9: Nuvem de palavras realizada pelo Mentimeter.....	36
Imagem 10: Resultado da questão número 2 realizada pelo Google Forms.....	38
Imagem 11: Resultado da questão número 5 realizada pelo Google Forms.....	40
Imagem 12: Instalação Fantasmagoria - Edith Derdyk.....	54
Imagem 13: Instalação Fantasmagoria - Edith Derdyk.....	54
Imagem 14: Instalação Fantasmagoria - Edith Derdyk.....	56
Imagem 15: Crianças do 2º ano (F1) - atividade de pintura	60
Imagem 16: Exposição com as crianças - técnicas semelhantes.....	61
Imagem 17: Exposição com as crianças - técnicas semelhantes.....	62
Imagem 18: Abertura da exposição no Centro Cultural Jorge Zanatta.....	64
Imagem 19: Montagem da exposição Compreender-Reflertir-Transcender.....	64
Imagem 20: Exposição no Centro Cultural Jorge Zanatta	65
Imagem 21: Interferência do espectador na exposição no Centro Cultural Jorge Zanatta	67
Imagem 22: Detalhe da instalação Moiras - Edith Derdyk.....	68
Imagem 23: Detalhe da instalação Moiras - Edith Derdyk.....	69
Imagem 24: Foto de divulgação para exposição Moiras	71
Imagem 25: Construção da instalação Moiras de Edith Derdyk.....	71
Imagem 26: SÉRIEs: aberturas – janelas.....	75
Imagem 27: SÉRIEs: aberturas – portas.....	78
Imagem 28: SÉRIEs: aberturas – rachaduras.....	78

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACT	Admissão em Caráter Temporário
AMT	Aulas Mediadas por Tecnologia
AVA	Ambiente Virtual de Aprendizagem
BDN	Bloco de Notas
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
COVID19	Coronavírus Disease ano de 2019
EaD	Ensino a Distância
FUMDES	Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior
GPA	Grupo de Pesquisa em Arte
INOVA UNESC	Programa de Inovação Curricular e Pedagógico Unesc
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PPC	Projeto Pedagógico do Curso
SESC	Serviço Social do Comércio
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 AULAS PRESENCIAIS SUSPENSAS PELA COVID-19: O FIM OU UM NOVO COMEÇO?	13
2 AJUSTE DE ROTA: O MÉTODO DA PESQUISA	26
3 ENSINO E APRENDIZAGEM DE ARTE EM AMBIENTE VIRTUAL	31
3.1 DE QUE CONCEPÇÃO DE ENSINO E APRENDIZAGEM ESTAMOS FALANDO?	33
3.2 AMT – AULAS MEDIADAS POR TECNOLOGIAS NA UNESC	34
3.3 EDUCAÇÃO HÍBRIDA: UM NOVO NORMAL?	42
4 O LUGAR DA EXPERIÊNCIA	45
4.1 CONCEITO DE EXPERIÊNCIA	48
4.2 O LUGAR DO ATELIÊ, DA PRÁTICA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR E DA PROFESSORA DE ARTE	50
5. PROJETO DE CURSO – INTERLOCUÇÕES ARTÍSTICAS E PEDAGÓGICAS	81
5.1 APRESENTAÇÃO:	81
5.2 EMENTA:	81
5.3 CARGA-HORÁRIA:	81
5.4 PÚBLICO-ALVO:	81
5.5 JUSTIFICATIVA:	81
5.6 OBJETIVOS:	83
5.6.1 OBJETIVO GERAL:	83
5.6.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:	83
5.7 METODOLOGIA:	83
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	90
REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS	91
APÊNDICE(S)	92
APÊNDICE A – PERGUNTAS DAS ENTREVISTAS VIA GOOGLE FORMS	93

*essa é a receita da vida
minha mãe disse
me abraçando enquanto eu chorava
pense nas flores que você planta
a cada ano no jardim
elas nos ensinam
que as pessoas
também murcham
caem
criam raiz
crescem
para florescer no final*

O que o sol faz com as flores – Rupi Kaur

1 AULAS PRESENCIAIS SUSPENSAS PELA COVID-19: O FIM OU UM NOVO COMEÇO?

“Nunca sinta culpa de começar de novo”

Rupi Kaur

O desejo de fazer a diferença na educação, a considerar o percurso da minha família e perceber que mudar o mundo é utopia, mas participar de algumas realidades e transformá-las, é possível, é o que me trouxe até aqui. Como nos conta a artista e professora Edith Derdyk, em entrevista ao site *Arte Brasileiros*, sobre suas relações com os mitos em algumas das suas produções artísticas – além de Moiras, que retomarei no capítulo 4 – ela cita Sísifo, personagem que tenta rolar diariamente, uma grande pedra ao alto de uma montanha: “No livro do Albert Camus ele questiona: o que faz uma pessoa todo dia tentar levar uma pedra ao topo de uma montanha? É a esperança de um amanhã, de um futuro. E pensar nisso hoje em dia é muito forte”¹. É assim que defino minha escolha pela educação.

Ao iniciar a graduação em Artes Visuais Licenciatura, deparo-me com um olhar limitante ao que se refere o ensino da arte, reflexo do meu percurso formativo na educação básica. Durante as aulas reconheci que não estava sozinha quanto a essa limitação; e junto aos meus colegas de graduação passo a identificar em nossas caminhadas nas escolas, possíveis motivos restritivos. A partir daí, percebi que as práticas nos ateliês e laboratórios tem um significado

O foco não é o peso, mas o caminho é a esperança de dias melhores; e esse é o meu comprometimento com a minha escolha.
Primavera, 11:11 ✓

Arte é desenho; isso não é arte; aula de Artes é o momento do oba-oba; aula de Artes é para aprender a desenhar e fazer artesanato; a professora de Artes faz a decoração da escola.
Primavera, 11:11 ✓

¹ Entrevista com a artista e professora Edith Derdyk, publicado em 3 de abril de 2019 pelo site Arte Brasileiros: [Instalação de Edith Derdyk cria tramas, conexões e tessituras no Sesc Ipiranga](#).

importante para essa construção como professora de Artes².

Experenciar e vivenciar a graduação ao máximo, foi fundamental para minha transformação enquanto futura professora. O chão da escola, experimentado ao longo da graduação com os estágios, PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência³ e como professora ACT – Admissão em Caráter Temporário, foram fundamentais para aproximar os conhecimentos discutidos na academia e o cotidiano da escola.

Durante esse percurso, ocupei espaços na universidade que direcionaram e produziram novos sentidos para as minhas escolhas profissionais. Dentre eles, o Arte na Escola⁴ que propiciou o contato com professores e professoras de Artes que atuam na educação básica. E o Programa Inova Unesc⁵, o lugar que ocupo como bolsista na Diretoria de Ensino de Graduação, que de algum modo me envolve nas reflexões sobre as aulas mediadas por tecnologia, foco deste trabalho, de modo tal, que me sinto imersa.



*E é aí que tudo passa a fazer
ainda mais sentido!
Primavera, 11:11 ✓*

² Esse trabalho utilizará a expressão Artes em maiúsculo quando se referir a arte como componente curricular, disciplinas, e artes quando tratar o termo enquanto área do conhecimento.

³ O PIBID, é um programa financiado pela CAPES - <http://portal.mec.gov.br/pibid> - que oportuniza a experiência na escola quando ainda estamos em formação inicial docente. Acompanhamos um/a professor/a de Artes em sua rotina na escola e compartilhamos nossas experiências com outros integrantes e professores/as de outras escolas. Pensamos os planejamentos para retornar à escola. O programa teve início na Unesc em 2012.

⁴ O Instituto Arte na Escola foi criado junto a Fundação lochpe em 1989; é uma associação civil sem fins lucrativos que “qualifica, incentiva e reconhece o ensino da arte, por meio da formação continuada de professores da Educação Básica”, e <http://artenaescola.org.br/>. O polo Unesc é uma das unidades do Brasil que oportuniza a formação continuada de professores/as de Artes. Faz parte da universidade desde os anos 90, institucionalizado em 2004. Participei como bolsista de 2017/1 a 2019/1.

⁵ O Programa de Inovação Curricular e Pedagógica – Inova Unesc, tem como um dos objetivos centrais, redesenhar o modo de aprender na universidade, impulsionando o protagonismo de professores/as e estudantes nos processos de ensino e aprendizagem. Em 2019/2 iniciei como bolsista de iniciação científica pela aprovação do projeto de pesquisa no EDITAL n. 249/2019 FUMDES Pesquisa.

**GREVE
GERAL**

Imagem 1: Lambe-lambe utilizado na exposição "Nós estamos trabalhando agora"

Fonte: Acervo da Sala Edi Balod - Unesc.

Estava ocorrendo um processo, aparentemente, "natural" em minha formação como professora de Artes e algo inesperado acontece... modificando olhares, seres e fazeres. Não apenas para mim, mas para o mundo; não apenas para a área da educação, mas para todas as áreas. Um susto, algo imprevisível e que naquele momento não sabíamos como definir.

Primavera, 11:11 ✓

GREVE GERAL foi um dos lambe-lambe utilizados na exposição/laboratório/ateliê/sala de aula “Nós estamos trabalhando agora” em 2019 na Sala Edi Balod - Unesc⁶. A exposição surgiu no Pretexto Sesc que aconteceu na Sala, do qual pude participar e aproximar-me ainda mais das práticas artísticas. A proposta da exposição não era apresentar ‘obras de arte’, mas processos artísticos, o trabalho. O artista enquanto trabalhador, o espaço de arte como ‘firma’ e a palestra/aula como ouvidoria; estabelecendo relações com o modelo hierarquizado; empresarial/industrial/comercial.

Foi a minha segunda exposição e a primeira na Sala Edi Balod, o nosso espaço/laboratório/sala de exposição/sala de aula/etc no Curso de Artes Visuais.

Artistas da exposição “Nós estamos trabalhando agora”: Angélica Neumaier, Bruna Speck, Cátia Hahn, Daniele Zacarão, Francine Nazário, Gisele Gonçalves, Helen Macedo, Iolanda Peres, Kamilla Nunes, Laridélua, Leyene Oliveira, Maju Amboni, MEG, Um Borderline.

⁶ A [Sala Edi Balod](#) – Espaço de Exposições e Laboratório de Artes Visuais, vincula-se aos Cursos de Graduação em Artes Visuais Bacharelado e Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense – Unesc – Criciúma/SC. Recebe este nome como homenagem ao artista e ex-professor da Universidade, Edson Paegle Balod (Edi Balod), com reconhecida atuação no desenvolvimento artístico-cultural de nossa cidade e região. Trata-se de um laboratório que possibilita aos acadêmicos experiências com criação, produção, expografia, curadoria, circulação e mediação cultural de/em exposições que tomam como referência a pintura, cerâmica e escultura, gravura e serigrafia, desenho, fotografia, performances, instalações, produções audiovisuais dentre outras manifestações da Arte Contemporânea. A cidade e região ganham um espaço destinado a fruição e contato com a arte e a cultura de forma gratuita e intimamente vinculada aos princípios contemplados em nossa missão institucional que visa “Educar por meio do ensino, pesquisa e extensão, para promover a qualidade e a sustentabilidade do ambiente de vida”.

Não é greve, nem mesmo férias, ou feriado e quem dirá dia de folga.

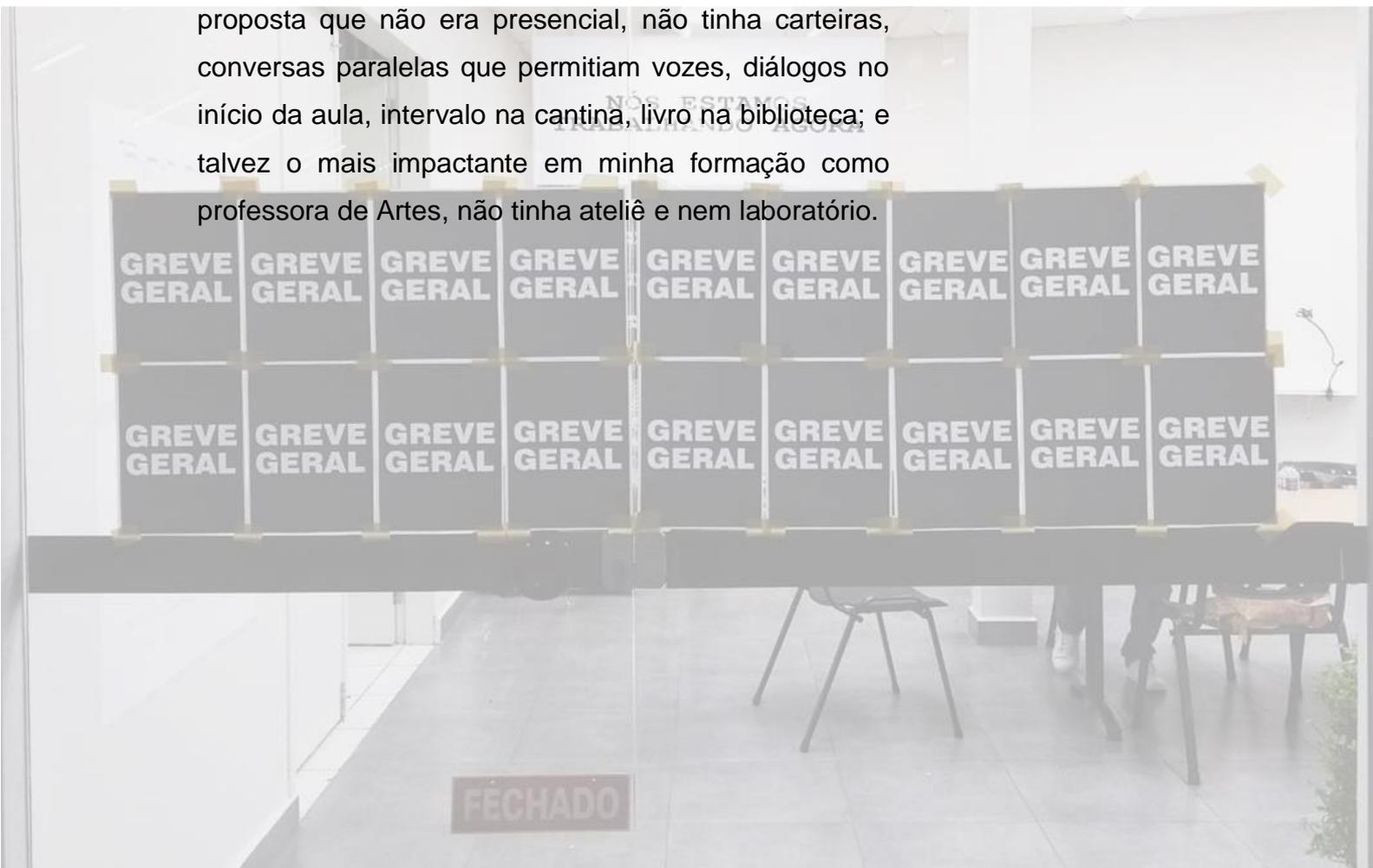
- é o incerto.

Criciúma, 17 de março de 2020.

Jamais imaginávamos que no último ano de graduação passaríamos por um isolamento social devido a uma pandemia, ocasionada pela COVID-19⁷. Quando o isolamento iniciou, parecia tudo ilusão. Mas com o decorrer dos dias e os movimentos constantes da universidade para que o ensino tivesse continuidade, passei a perceber que tudo voltaria, mas com um “novo normal”. Retornamos para as aulas com uma nova proposta que não era presencial, não tinha carteiras, conversas paralelas que permitiam vozes, diálogos no início da aula, intervalo na cantina, livro na biblioteca; e talvez o mais impactante em minha formação como professora de Artes, não tinha ateliê e nem laboratório.

*Logo voltaremos e nada mudou!
Primavera, 11:11 ✓*

*Voltamos. Não como antes, mas voltamos.
Primavera, 11:11 ✓*



⁷ A [OMS - Organização Mundial da Saúde](https://www.who.int/) diz que a “COVID-19 é uma doença infecciosa desconhecida antes do surto em Wuhan, na China, em dezembro de 2019. Atualmente, o COVID-19 é uma pandemia que afeta muitos países ao redor do mundo. Até o momento, a COVID-19 infectou 54.075.995 no mundo, 5.848.959 no Brasil, 293.802 em Santa Catarina e 9.452 em Criciúma. E o número de óbitos são 1.313.91, 165.658 no Brasil, 3.309 Santa Catarina e 117 em Criciúma. Segundo os dados da OMS Segundo os dados do Ministério da Saúde no Brasil; dados atualizados até 14/11/2020: https://susanalitico.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html. Os dados mundiais foram encontrados no site da OMS, que são atualizados diariamente – até 16/11/2020 – mas que dependem da atualização dos dados de cada país e que nem sempre estão atualizados, acesso em: <https://covid19.who.int/>.

*Imagem 2: entrada da Sala Edi Balod na exposição "Nós estamos trabalhando agora"
Fonte: acervo da Sala Edi Balod - Unesc*

Assim como muitos dos meus colegas, estava apreensiva com as aulas mediadas por tecnologia. No entanto, o fato de integrar o espaço que conduz as ações da dimensão do ensino de graduação na universidade e o movimento da inovação curricular e pedagógica, fez com que tivesse ainda mais vontade de pesquisar sobre como ocorreu a aprendizagem com esse ensino que surge sem planejamento prévio, devido ao acontecimento abrupto no qual ainda estávamos acometidos no momento de desenvolvimento desta pesquisa (setembro a dezembro de 2020).

*A curiosidade é o que
discerne um bom
pesquisador. Então,
vamos lá!
Primavera, 11:11 ✓*

Neste contexto o curso de Artes Visuais Licenciatura da UNESC, entra no processo de ensino remoto e busca fazer deste momento, uma experiência. A partir dessa realidade, surgem muitos questionamentos e reflexões, dentre elas, as relações da arte com o fazer e a criação. Prática e fazer que são tão potentes no curso presencial e que em aulas remotas precisam ser reinventados. São estas aulas, muitas vezes que nos apresentam e oportunizam vivências sobre o ser artista, a experiência com a produção. Estes espaços que permitem, aos professores e professoras em formação, falas e apresentações mais qualificadas sobre arte. São espaços que nos permitem sair do raso, oportunizam vivências significativas, nos movem e provocam a sair do comodismo, deste modo algumas questões norteadoras ganhavam força em meu pensamento: Como ocorreram as produções artísticas nas disciplinas de ateliê e laboratórios neste período? E as aulas de ateliês e laboratórios, como se adaptaram ao modo remoto?

Passamos a desbravar o desconhecido. E surgem novas questões que norteiam a pesquisa: qual a relação dos professores e professoras de Artes em formação com o espaço virtual? Qual a nossa relação com estes novos termos e

conceitos? Talvez o ciberespaço⁸ já fizesse parte da nossa vida acadêmica ou mesmo pessoal, no entanto, agora, passamos a ter uma relação mais próxima com as ferramentas e até mesmo com o AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem⁹. Até então, arrisco dizer que o AVA era um espaço ocupado e um lugar não habitado. Espaços/lugares que nos deslocam, ou talvez até nos acomodam em alguns momentos, mas sugerem constante adaptação na vida contemporânea. Espaços/lugares evidenciados como “não lugares, lugares de passagem, lugares virtuais, lugares que impõem outros tipos de troca” (CANTON, 2009, p. 58). Uma nova questão norteadora ecoava em minhas leituras para feitura do projeto de pesquisa: qual o lugar da experiência durante as aulas mediadas por tecnologia na ótica dos professores de Artes e acadêmicos de licenciatura em Artes Visuais?

As dúvidas sobre o novo formato de ensino começaram a surgir tão logo as aulas remotas iniciaram em 01 de abril de 2020. EaD – Ensino a Distância ou Ensino remoto? Aulas mediadas por tecnologias ou modalidade EaD? Aqui começamos a ouvir sobre as possibilidades do Ensino Híbrido que será aprofundado no capítulo seguinte. Alguns termos já conhecíamos, mas agora passaríamos a tratá-los como parte de nossa jornada formativa. Uma nova questão norteadora surgia: conseguimos perceber as significativas mudanças que

*Queremos rótulos
para tudo que está
acontecendo e o novo
“novo” parece ter
características do
passado
Primavera, 11:11 ✓*

⁸ Segundo Lévy (1999), “a palavra “ciberespaço” foi inventada em 1984 por William Gibson em seu romance de ficção científica Neuromante. O termo foi imediatamente retomado pelos usuários e criadores de redes digitais. Eu defino o ciberespaço como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. [...] Esse novo meio tem a vocação de colocar em sinergia e interfacear todos os dispositivos de criação de informação, de gravação, de comunicação e de simulação. A perspectiva da digitalização geral das informações provavelmente tornará o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir do início do próximo século” (p. 92 e 93).

⁹ O AVA pode ser definido também como um espaço ou comunidades virtuais organizadas com o propósito de aprender. O Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) da Unesc é um conjunto organizado de recursos de comunicação, cooperação e colaboração e de ferramentas multimídias, disponível na rede Internet e desenvolvido com objetivo de fortalecer o processo ensino e aprendizagem presencial, semipresencial ou a distância. O AVA pressupõe o apoio a atividades síncronas e assíncronas, propiciando o trabalho colaborativo entre equipes com múltiplos níveis de comunicação. O ambiente é um recurso para acesso, produção e postagem de material, comunicação, interação, disseminação de informações e construção de comunidades. A Unesc utiliza o Moodle como plataforma de aprendizagem.

esse movimento, que adentra o ensino como um todo, deixará para depois da COVID-19?

Uma das intencionalidades dessa pesquisa é pensar a aprendizagem dos professores e professoras de Artes e a formação em tempos de COVID-19. E como objetivo geral, analisar como ocorreram o ensino e a aprendizagem, neste período, com aulas mediadas por tecnologia na graduação no curso de Artes Visuais Licenciatura e a percepção dos estudantes em formação e de nossos professores e professoras do curso sobre o ensino.

Com isso, passei a questionar: em que medida as experiências com o ensino e a aprendizagem em ambiente virtualizado de professores, professoras e estudantes de licenciatura em Artes Visuais foram impactados em tempos de Covid-19?

Refletir como os colegas perceberam suas aprendizagens e a singularidade de cada um nesse contexto além de dialogar com os professores e professoras da graduação em Artes Visuais sobre suas maiores dificuldades, facilidades e como reconheceram esse formato de ensino. Somos partícipes de um momento histórico para mudanças significativas para a sociedade, logo, refletido na educação. As influências sobre outros modos de fazer e pensar o ensino da arte são urgentes e certamente impactadas numa realidade pós Covid-19. As experiências e vivências desta formação, a intervenção do ensino remoto na aprendizagem entre as teorias e as práticas me fazem acreditar na relevância desta pesquisa para a educação e a arte.

O relógio (Imagem 3), fez parte da exposição “Nós estamos trabalhando agora”, na ocasião falava sobre o tempo de trabalho. Tinham dois relógios na sala em paredes opostas. Os dois com horários diferentes, horário de entrada e de saída. Em outra parede o lambe-lambe: O tempo é emergencial¹⁰ (Imagem 4). Remetendo-nos a tantas outras reflexões sobre o tempo que aquela sala oportunizava sobre o trabalho. Neste momento, penso o relógio como o início do *home office* e o sentimento de perdidos no tempo. Sem hora para começar. Sem hora para terminar. Produtividade. Como se o tempo, de fato, fosse emergencial.

A pesquisa foi desenvolvida em seis capítulos. O primeiro, é a parte introdutória aqui apresentada, onde crio diálogos entre meu percurso na universidade até o

¹⁰ Produção da artista Daniele Zacarão que também participava da exposição “Nós estamos trabalhando agora”.

momento em que somos acometidos pela pandemia. Já no segundo capítulo, explano sobre a organização da rota metodológica para a pesquisa.

No terceiro capítulo, busco dialogar sobre os métodos de ensino e aprendizagem, com um olhar crítico para o percurso da história da educação; organizado em três seções: as concepções e relações sobre o ensino e a aprendizagem, como ocorreram as aulas mediadas por tecnologias – apresento os resultados das pesquisas realizadas com professores/as e acadêmicos/as de Artes Visuais – e a terceira seção sobre o ensino híbrido como possibilidade de novo modelagem de ensino.

Já no quarto capítulo, apresento sobre o lugar da experiência, com duas seções, a primeira sobre o conceito de experiência e a segunda sobre as experiências nos ateliês na formação do professor e professora de Artes Visuais.

No quinto capítulo apresento o projeto de curso que busca vir ao encontro da pesquisa, com a intenção de considerar a experiências dos ateliês para os professores e as professoras de Artes e do ensino híbrido.

E por fim, no sexto capítulo apresento minhas considerações finais entre as experiências dos ateliês como professora de Artes em formação e as experiências das aulas mediadas por tecnologias, o que percebo como possibilidades entre o virtual e o presencial.



*Imagem 4: O relógio - Exposição
"Nós estamos trabalhando agora",
2019.*

Fonte: acervo da Sala Edi Balod - Unesc.

*Imagem 3: Lambe-lambe utilizado
na exposição "Nós estamos
trabalhando agora"*

Fonte: acervo da Sala Edi Balod - Unesc

O tempo é
emergencial.

2 AJUSTE DE ROTA: o método da pesquisa

“E se assim for
 Eu ei de ensinar:
 “Por todos os cantos
 Há um canto escondido!”
 Querendo expandir
 Querendo ocupar
 Coração querendo ser ouvido!”
 Deixa ser – O teatro mágico

O caminho, o processo, o percurso. Lugares/espços a serem ocupados; ou mesmo já ocupados, mas como não-observáveis. Durante o isolamento, entre algumas das atividades de ateliê, criei um diário intitulado *Espaços/lugares: observáveis e não-observáveis* como possibilidade de continuidade ao projeto “Diário Jardim” da disciplina Ateliê de Cerâmica (Imagens 5 a 8). Foi a oportunidade de perceber as nuances entre o que vemos e não enxergamos, e olhares outros para aquilo já faz parte dos nossos olhares. Existem cantos presentes e escondidos aos nossos olhos, pronto para expandir e se permitir ocupar. São rotas que oportunizam caminhos que ensinam.

Imagem 5: Não-observáveis, série [com 4 imagens] improváveis, 2020.

Fonte: acervo da pesquisadora.

Imagem 6: Observáveis, série [com 3 imagens] home office I, 2020.

Fonte: acervo da pesquisadora.

Imagem 7: Não-observáveis, série luzes do quintal I, 2020.

Fonte: acervo da pesquisadora.





Definir a linha condutora de uma pesquisa é crucial para que o trabalho se constitua um elemento de investigação, problematização e operação conceitual, portanto, a escolha metodológica é fundamental.

Desse modo, essa pesquisa se constrói com a problematização em arte e educação e tem como princípio teórico e metodológico o intuito de construir conhecimento. A partir de uma perspectiva em que a pesquisa em arte e educação, muitas vezes, requer métodos não tão convencionais e que nem por isso, perdem sua cientificidade, já que,

[...] parte do princípio da arte enquanto prática de saber, e como ela funciona na construção de conhecimento e na reflexão na formação de sujeitos, propõe-se então pensar nas artes visuais como uma linguagem constitutiva de saberes, como propositora de inquietações, e também como uma ferramenta metodológica, para operar as pesquisas em educação (MOMOLI, 2012, p.54).

As artes visuais propiciam experimentações outras em seu percurso, com isso, constituem-se processos subjetivos e disparadores de reflexões rompendo fronteiras entre os diversos saberes. Sendo assim, o presente trabalho está inserido na linha de pesquisa Educação e Arte do Curso de Artes Visuais Licenciatura da UNESC, que visa apresentar pesquisas que se aproximam de:

Princípios teóricos e metodológicos sobre educação e arte. A formação de professores. As artes visuais e suas relações com as demais linguagens artísticas. Estudos sobre estética, culturas e suas implicações com a arte e a educação¹¹.

O que propicia relações entre a arte e a educação, a partir da formação de professores; adentrando questões envolvidas na presente pesquisa. Na tentativa de oportunizar ressignificações sobre os modos de pensar e

¹¹ A linha de pesquisa encontra-se no PPC do curso, disponível em: http://www.unesc.net/portal/resources/files/615/PPC-Final-artes%20Lic_01-12-16.pdf, acesso em 04/10/2020 às 18h10

fazer no ensino da arte, a fim de acompanhar as mudanças da sociedade e desmistificar certos padrões.

Proponho como problematização pensar e refletir sobre **em que medida as experiências com o ensino e a aprendizagem em ambiente virtualizado de professores e estudantes de licenciatura em Artes Visuais foram impactados em tempos de Covid-19?**¹²

E se propôs a investigar o processo de ensino e aprendizagem dos professores e professoras em formação do curso de Artes Visuais Licenciatura da UNESC, e o que reverberou das experiências do período do ensino remoto. Como objetivos específicos destaco: identificar as possibilidades de ensino remoto; compreender o espaço das tecnologias digitais na formação de professores; ampliar os estudos sobre ensino híbrido, suas relações com a aprendizagem e analisar as metodologias utilizadas no ensino remoto das aulas do Curso de Artes Visuais – UNESC compreendendo o espaço/lugar do ateliê para a aprendizagem na formação docente em arte.

As questões norteadoras assim se desenham: como ocorreram as produções artísticas nas disciplinas de ateliê e laboratórios neste período? E as aulas de ateliês e laboratórios, como se adaptaram ao modo remoto? Qual o lugar da experiência durante as aulas mediadas por tecnologia na ótica dos professores de Artes e acadêmicos de licenciatura em Artes Visuais? Qual a relação dos professores e professoras de Artes em formação com o espaço virtual? Qual a nossa relação com estes novos termos e conceitos? Conseguimos perceber as significativas mudanças que esse movimento, que adentra o ensino como um todo, deixará para depois do COVID-19?

Diante das perguntas que nortearam o trajeto de pesquisa e o problema aqui apresentado, desenvolvo diálogos com os professores em formação e os professores da graduação em Artes Visuais Licenciatura por meio da aplicação de entrevistas com roteiro semiestruturado. No entanto, a pesquisa não se limitou e se definiu apenas com

¹² Grifo meu.



tais procedimentos. O caminho ficou aberto às possibilidades de acordo com o que foi apresentado como pistas, a considerar o método da cartografia,

A cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas, nem com objetivos previamente estabelecidos. No entanto, não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa (PASSOS e BARROS, 2015, p.17).

Sendo assim, neste percurso busquei com a plataforma *Google Formulários*¹³, dialogar com 5 professores e professoras de Artes em formação e 5 professores e professoras da graduação de Artes Visuais Licenciatura por meio de palavras-chave para criar nuvens de palavras pelo *Mentimeter*¹⁴. Respostas objetivas para trabalhar com análise de gráficos e descritivas para criar possíveis diálogos com a escrita a fim de considerar o que foi relevante durante o período de ensino remoto para a aprendizagem e as expectativas do que podemos levar como experiência para sala de aula. Os questionários contam com autorização do uso da escrita para fins de pesquisa e encontram-se junto ao questionário (Apêndice A).

A perspectiva é caminhar com a pesquisa aqui apresentada de maneira aberta, por considerar como método a cartografia. “A diretriz cartográfica se faz por pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados” (PASSOS e BARROS, 2015, p.17). Com isso, oportunizou uma pesquisa que propicia trabalhar



*Imagem 8: Observáveis, série [com 3 imagens] home office I, 2020.
Fonte: acervo da pesquisadora*

¹³ O Google Formulários faz parte do GSuíte, que são aplicativos do Google. É uma ferramenta virtual que auxilia na produção e distribuição de questionários, muito utilizada para pesquisas de campo.

¹⁴ Mentimeter é uma plataforma digital e aplicativo que tem como intenção ser utilizado em sala de aula para tornar as atividades mais dinâmicas, como um suporte avaliativo ou não avaliativo para o professor. Pode ser utilizado no computador, tablets e celulares. Tem atividades diversas com resultados, como em gráficos e em nuvens de palavras (conceituação livre).

com aquilo que se apresenta neste percurso, o que oportunizou produzir conhecimento sem definição de procedimentos fechados.

Para tornar a pesquisa mais orgânica ao conceito da cartografia, busco no decorrer do texto, trazer caixas de diálogos para aproximar uma conversa um pouco mais intimista com o/a leitor/a. As caixas de diálogo encontram-se na margem direita da produção e são distribuídas do início ao fim do trabalho. As caixas cumprem também a ideia de espaço virtual, um ambiente que se entrecruza com as redes sociais que também foram utilizadas para se aproximar dos/as estudantes durante o período da pandemia. Neste caso, busco trazer meus pensamentos ou colocações que talvez não coubessem no corpo e no formato do texto. Aqui elas funcionam como pensamentos suspensos.¹⁵

O texto também apresenta uma coleção de imagens com produções de arte contemporânea, elas nos ajudam a renovar nossas perguntas e criar experiências com o leitor. Utilizo minhas produções para construir narrativas junto às experiências nos ateliês e os significados para essa formação como professora de Artes que experimenta processos criativos que oportunizam experiências significativas para a profissão. Além de produções da professora e artista Edith Derdyk que ecoam nas entrelinhas das minhas falas, escritas e da presente pesquisa.

Já a pesquisa de campo – via Google Forms – foi realizada com 10 pessoas, sendo 5 professores e professoras do curso de Artes Visuais Licenciatura da Unesc – identificados com P1, P2 P3, P4 e P5 – e 5 acadêmicos e acadêmicas – identificados com A1, A2, A3, A4 e A5 – também do mesmo curso no qual atuam os professores. O questionário contou com 8 perguntas relacionadas ao tema desta pesquisa, sendo 5 perguntas descritivas, 2 perguntas objetivas e 1 pergunta que originou a criação da nuvem de palavras. Todos e todas responderam as mesmas perguntas. Apresentarei no próximo capítulo as análises das pesquisas realizadas.¹⁶

¹⁵ Informações sobre as caixas de diálogos. Primavera: trata-se do período em que a pesquisa ocorreu. 11:11: é uma indicação simbólica do horário da mensagem “enviada” e foi escolhido por indicar sincronidade; momento da abertura de portais energéticos, alinhar-se ao nosso caminho e momento de dar mais um passo sobre nossas intenções.

¹⁶ Acesso as [respostas da pesquisa](#).

3 ENSINO E APRENDIZAGEM DE ARTE EM AMBIENTE VIRTUAL

Os impactos causados pela pandemia da COVID-19 que acometem a educação, bem como outros diversos setores, nos permitem analisar por outro ângulo, estudos que já estavam se apresentando como um novo método de ensino. Agora, apresenta-se como mais que uma intenção paulatina de mudança, mas como uma necessidade atitudinal a considerar que aprendemos na prática o que seriam, outrora, intenções de mudança para esses novos métodos de ensino.

A história da educação, assim como da sociedade, permite-nos observar as necessidades de mudanças. A educação busca acompanhar tais mudanças em que o mundo vive constantemente, embora nem sempre com um ideal de educação libertadora e democrática. E como nos lembra Paulo Freire (1996, p.21), “significa reconhecer que somos seres condicionados, mas não determinados. Reconhecer que a história é tempo de possibilidade e não de determinismo, que o futuro, permita-se-me reiterar, é problemático e não inexorável”.

Diante da história que se apresenta e que nos guia, é importante refletir como e por que a educação passa por um movimento que se assemelha a um vulcão prestes a entrar em erupção. Seria pelo encontro entre a mudança repentina e a mudança tardia? No entanto, é válido considerar que tal movimento nos tira da zona de conforto e nos convida a analisar o quão aberto estivemos e estamos para as mudanças que já se apresentavam necessárias. Aceitar a mudança, aparentemente, é o que mais incomoda e o incômodo é o que permite a mudança. Com isso, voltamos a história da sociedade vinculada a da educação.

Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender (FREIRE, 1996, p.26).

Percebemos cada vez mais esse novo movimento na área da educação e passamos a necessitar da tecnologia digital e da internet como um suporte de ensino. Dentre muitos métodos de ensinamentos, passamos a ouvir – alguns pela primeira vez – sobre o ensino híbrido – que retomarei na seção 3.3. Utilizamos a internet como meio de comunicação entre docente e discente, o que passamos a chamar de ensino

remoto. Utilizamos a pesquisa online, as aulas geralmente com roteiro organizado para estudos semanais, propiciando a utilização desse roteiro para mediar estudo ou pesquisa antecipada aos estudantes – que foram as chamadas AMTs, aulas mediadas por tecnologias que retomarei na seção 3.2. Trago aqui, o ensino híbrido como aquele que mais se aproxima ao processo de ensino e aprendizagem na Universidade durante a pandemia.

Considerando o modelo de ensino apresentado, tínhamos como preocupação – antes mesmo do ensino remoto em consequência da pandemia – como ocorreriam ou ocorreriam as pesquisas na internet no âmbito da educação. É sabido também, que a história da educação nos remete a ideia de transmissão de conhecimento e pouca, ou por vezes rara, a ação do estudante, o que nos causa uma maior angústia quando se trata da reação do estudante ao método. No entanto, questionamos a “sociedade da informação”. E ao considerar a importância da experiência para o aprendizado, quando podemos dizer que é experiência? Segundo Larrosa (2002):

Depois de assistir a uma aula ou a uma conferência, depois de ter lido um livro ou uma informação, depois de ter feito uma viagem ou de ter visitado uma escola, podemos dizer que sabemos coisas que antes não sabíamos, que temos mais informação sobre alguma coisa; mas, ao mesmo tempo, podemos dizer também que nada nos aconteceu, que nada nos tocou, que com tudo o que aprendemos nada nos sucedeu ou nos aconteceu (LARROSA, 2002, p.22).

As dúvidas seguem, e a preocupação com o percurso do ensino para que se dê a aprendizagem – que retomo a seguir, são ainda maiores ao pensarmos que nossa formação é na área da educação e não menos importante, no ensino da arte e as suas relações com a prática, o fazer, a criação. As conexões entre o ensino e a aprendizagem em artes na virtualidade passam a ser questionadas. As dúvidas entre passagem ou permanência sobre a educação na virtualidade. As relações com esse novo ensino, o equilíbrio entre a presencialidade e a virtualidade. São reflexões significativas quando pensamos no ensino e na aprendizagem em arte nesse processo, durante esses acontecimentos; e para depois dele.

3.1 DE QUE CONCEPÇÃO DE ENSINO E APRENDIZAGEM ESTAMOS FALANDO?

Para que possamos dar continuidade, pensar/refletir/analisar o percurso que se desenha, e prospectar uma educação para o futuro próximo, se faz necessário considerar a história daquilo que conhecemos por ensino até o momento. Paulo Freire (1996, p.25), afirma que ensinar “não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é a ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado”; o que podemos pensar como parte do processo para aprendizagem.

O diálogo entre professor/professora e estudante são fatores significativos para oportunizar que o/a outro/a construa sentidos, que é um dos processos fundantes do ensino. Ensinar está para além de ler, escrever e fazer cálculos. Está em fazer leitura de mundo, na compreensão sobre o que acontece no entorno; oportunizar conhecimentos diversos, a considerar que existem múltiplas formas de ensinar e tantas outras para aprender.

Freire (1996) ainda nos aponta que ensinar também é “[...]criar as possibilidades para a sua produção ou sua construção” (p.25), o que indica a necessidade de autonomia para o estudante para que seja possível o processo de aprendizagem. Além disso, tanto o/a estudante quanto o professor e a professora são sujeitos desse processo do ensinar e do aprender. Por vezes falamos do ensino e da aprendizagem como algo descolado. Em termos de concepção, eles podem ser dois. Mas para que aconteça um, faz-se necessário o outro. É como se fossem engrenagens, elas trabalham juntas para que o processo seja realizado.

Freire (1996), diz ainda que “ensinar inexiste sem aprender e vice-versa” (p.26), o que vem a afirmar que embora exista uma certa dicotomia em suas apresentações, faz-se necessário enfatizar a importância da construção conjunta entre ambas. Com isso, pensar que a aprendizagem se dá, entre outras coisas, nas possibilidades de construção do sujeito por meio de um ensino democrático, libertador e que faça sentido ao aprendente.

Aprender é considerar que existem caminhos e entre eles podem existir falhas, passos em falso, mas que ainda assim, são aprendizados. Aprender é estar aberto a possibilidades, dúvidas, hipóteses. É o processo de produzir conhecimentos. Só

aprendemos aquilo que nos faz sentido; é a certo modo palpável. Faz parte das nossas experiências. A aprendizagem se dá no processo e se faz necessário estar aberto para ela; assim como a experiência – que retomaremos no capítulo 4.

3.2 AMT – AULAS MEDIADAS POR TECNOLOGIAS NA UNESC

Reconhecer o que a presente pesquisa vem a considerar como concepções e processos de ensino e aprendizagem faz-se necessário para que possamos analisar esses processos na virtualidade. Tudo começou no dia 17 de março de 2020. A Unesc passa a correr contra o tempo para que pudéssemos retomar as aulas. E assim, surgem, para nós, as AMTs ou aulas mediadas por tecnologias. Como de fato, ninguém esperava, mas saber que tínhamos como dar continuidade aos nossos planos, era o que parecia mais importar para mim. Com o passar das aulas – confesso que logo nas primeiras – passo a reconhecer como uma inovação acelerada no ensino, por fazer parte do movimento na universidade – o Programa Inova Unesc, movimento já destacado na introdução da pesquisa – que estava estudando algumas práticas pedagógicas inovadoras na tentativa de acompanhar as mudanças da sociedade.

Durante a pesquisa, professores/as e estudantes do curso Artes Visuais demonstram preocupação quanto ao modelo adotado. Quando questionados/as: *A partir da sua experiência, quais suas percepções sobre o ensino e a aprendizagem durante o período das AMT?* Em sua maioria compreendem as necessidades de inserção das tecnologias e outros modos de pensar o ensino e aprendizagem desde muito. Do ponto de vista dos/as estudantes, uma preocupação quanto aos métodos adotados, chamando atenção para o fator de que quantidade não é qualidade, e que as aulas mediadas por tecnologia, por vezes são mais cansativas solicitando menos tempo de tela/aula síncrona, alertando que é possível outros modos de ensino para que se dê a aprendizagem. O olhar dos professores/as, embora preocupados com o método que requerer distância entre as pessoas, em maior número são conscientes da mudança e possível permanência de alguns métodos para depois da pandemia, abaixo alguns depoimentos importantes do aluno/a 3 e professor/a 3, que corroboram com as reflexões apresentadas.

Minha visão sobre um formato de ensino mediado por tecnologia mudou muito. Abriu minha mente para outras possibilidades além da presencial em sala. Percebi que ela pode funcionar. Se for pesquisada e analisada com cuidado, esse formato online pode ser introduzido aos poucos junto ao ensino presencial. A duração das aulas no ensino remoto não pode ser o mesmo do presencial, passar muito tempo em frente ao computador pode se tornar exaustivo. E algumas aulas de ateliês requer a presencialidade em algum momento (A3).

[...] Passamos por fases, iniciamos com medo e com esperança de retorno mais rápido. A realidade nos apontou uma outra história e tivemos que virar o semestre ainda nesse formato. Percebo que aprendemos muito. Aprendemos a lidar com nossas limitações, a ajudarmos uns aos outros para enfrentarmos todas essas mudanças. A seriedade com que conduzimos os encontros - aqui falo de todos os professores/as e acadêmicos/as do curso em que trabalho - podemos dizer que a construção de conhecimento foi acontecendo no seu tempo. Em muitas vezes percebi que foi possível sentir mais de perto o processo de escrita ganhando espaço com um pouco mais de rapidez do que nos encontros presenciais. Vivenciamos uma experiência que nos marcará para sempre e, certamente, ampliou nossa capacidade de comunicação com nossos acadêmicos e acadêmicas (P3).

Durante a pesquisa foi possível identificar em alguns momentos preocupações sobre a democratização do ensino na perspectiva de uma educação para todos e todas e da valorização docente. Retomo que nem sempre, na história, caminhamos em sentido a uma educação para todos, democrática, que pretendesse propiciar autonomia e protagonismos aos sujeitos da educação. Entre algumas problemáticas, tínhamos colegas que não tinham acesso à internet, ou nem mesmo a um computador. Foi uma das ações da universidade na tentativa de tornar o ensino mais democrático e acessível. Outra tomada de decisão foi quanto a formação de professores e professoras da universidade para adaptar ou pensar outros modos de aula na virtualidade e assim algumas práticas pedagógicas inovadoras, desde conhecer ferramentas, saber fazer e competências que envolviam essas práticas, conforme destaca o/a professor/a 4.

Acho que há pontos positivos e negativos. Primeiro, a tecnologia permitiu que as aulas (e o mundo) continuassem acontecendo apesar das adversidades do momento. Também foi positiva a experiência com novas ferramentas tecnológicas, tornando esse um período de muito aprendizado e transformação para alunos e professores. Porém, é inevitável pensar que nem todos conseguem ter internet ou equipamentos de qualidade para acessar as aulas, ou ainda um espaço confortável em casa para estudar, isso (entre outros fatores) torna a experiência das AMT muito desigual. Enquanto professora, percebo que tem sido mais difícil acompanhar o processo de aprendizagem, em especial com as turmas de fases iniciais, pois nem todos os alunos têm hábito de ligar as câmeras e microfones para interagir, outros acabam tendo acesso ao conteúdo de forma assíncrona por meio das

gravações. Estamos diante de uma nova forma de ensinar e aprender, e esse processo é diariamente desafiador (P4).

Com isso, mais do que nunca, caminhamos para um ensino que sugere autonomia dos estudantes para que sejam sujeitos da própria história, protagonistas dos seus caminhos. Tal sugestão, nos leva a acreditar em uma desacomodação. Outro fator importante que me chamou atenção na transição para as aulas mediadas por tecnologia foi a dependência do outro, a dependência de um instrutor, o que vem a afirmar a necessidade de trabalhar a autonomia desde a educação básica. Teóricos como Paulo Freire vem apontando desde muito sobre a autonomia dos/as estudantes no processo de ensino e aprendizagem para uma educação libertadora que propusesse protagonismo desde o período escolar até a fase adulta, profissional e acadêmica. No entanto, conseguimos perceber que estávamos a passos lentos para esse ideal quando mais precisamos. E desacomodar exige esforços e querer. E sim, é desafiador, como aponta as repostas dos entrevistados:

Imagem 9: Nuvem de palavras realizada pelo Mentimeter

Defina em uma palavra sua experiência com o ensino remoto e aula mediada por tecnologia (AMT).

Mentimeter



Fonte: Plataforma Mentimeter

São desafios que estão postos. Abraçamos ou corremos. Em outras palavras, como propôs o/a professor/a 5 ao falar das experiências de ensino e aprendizagem:

É uma tendência, não podemos negar. Essa discussão sobre a introdução da tecnologia em todos os níveis de ensino não é de hoje. Mas parecia que estávamos de certa forma fechados para isso. Infelizmente teve que vir uma pandemia para a gente se permitir abrir para o novo e colocar a tecnologia como parte integrante do sistema de ensino. É um caminho sem volta (P5).

Um percurso desafiador. Uma discussão que já existia, mas um caminho que apresenta outras formas de ver esses espaços, ainda que em um lugar que já fazia parte das nossas vidas, um espaço já ocupado por muitos de nós, mas um lugar tão espaçoso que nos desloca, causa medo ou até um certo pânico. “Lugares fixos, conhecidos ou confortáveis, são trocados por não lugares, lugares de passagem, lugares virtuais, lugares que nos impõem outros tipos de troca” (CANTON, 2009, p.58). Um espaço não linear, sem muitas regras e limitações. São momentos que questionamos se conseguiremos aprender com tanta autonomia. E aqui, voltamos a refletir sobre o ensino que pensávamos já ter superado, do professor e da professora como detentores do conhecimento e estudantes como receptores. Mas que podemos repensar as conexões entre virtualidade e presencialidade, trazer a tecnologia como nossa aliada.

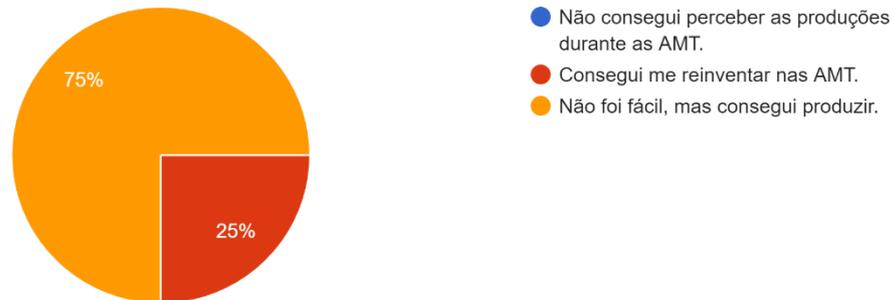
O que a tecnologia traz hoje é integração de todos os espaços e tempos. O ensinar e o aprender acontecem em uma interligação simbiótica, profunda e constante entre os chamados mundo físico e digital. Não são dois mundos ou espaços, mas um espaço estendido, uma sala de aula ampliada, que se mescla, hibridiza constantemente. Por isso, a educação formal é cada vez mais *blended*, misturada, híbrida, porque não acontece só no espaço físico da sala de aula, mas nos múltiplos espaços do cotidiano, que incluem os digitais. O professor precisa seguir comunicando-se face a face com os alunos, mas também deve fazê-lo digitalmente, com as tecnologias móveis, equilibrando a interação com todos e com cada um (MORAN, 2015, p.39).

Com a chegada abrupta da virtualização do ensino é preciso reconhecer alguns impasses. As aulas teóricas, em sua maioria, não demandam de materialidades; no entanto, as aulas práticas em ateliês e laboratórios necessitam não só do lugar pelo lugar, mas de materiais em sua maioria físicos, táteis. Com a adaptação do método de aula adotado, os pesquisados foram questionados/as sobre as experiências com suas práticas artísticas, apenas 8 responderam:

Imagem 10: Resultado da questão número 2 realizada pelo Google Forms

A partir das experiências das aulas de ateliês de maneira virtual - devido a situação necessária de isolamento - você considera:

8 respostas



Fonte: Google Forms

Fica evidente, do ponto de vista de quem respondeu, que a distância não impossibilitou o processo criativo nas aulas de ateliês. Ainda, podemos considerar que de algum modo, a maioria, os 75% que responderam que “não foi fácil, mas conseguiu produzir”, de algum modo se permitiu aprender sob outra perspectiva. A partir disso, na pergunta sobre como ocorreram as aulas de ateliês nas AMTs – os mesmos 8 responderam – 1 estudante respondeu que não teve aula prática no semestre, 2 professores/as responderam que mesmo não dando aula de ateliê, sugerem/incentivam/oportunizam aos estudantes produções artísticas.¹⁷

Não trabalho diretamente com disciplinas que envolvam práticas de ateliê, porém, sempre tento incentivar a produção artística nas minhas aulas. No atual contexto, tudo precisou ser adaptado, nosso único contato com o mundo externo foi pelas janelas de casa e da internet, e esses foram nossos espaços de produção/criação e exposição/apresentação. Com uma turma realizamos em casa instruções dos artistas Yoko Ono e George Brecht, envolvendo as famílias e situações domésticas, por fim, criamos nosso próprio livro de instruções para tempos de pandemia. Com outra turma criamos uma espécie de museu virtual ficcional para promover debates e reflexões sobre nosso

¹⁷ A estudante que respondeu que não teve aula de ateliê no semestre, na pergunta anterior, respondeu do ponto de vista dos seus processos criativos pessoais. As professoras que responderam que não deram aula de ateliê e responderam à pergunta anterior, foram a partir de seus processos e propostas a considerar a criação e as produções artísticas do semestre.

contexto de arte local. Ambas experiências provocaram um olhar para si e para os lugares que habitamos (P4).

P2, professora de ateliê diz que *“as práticas artísticas que tinham materiais e possibilidades dos alunos fazerem em casa foi realizado, mas este semestre que tem serigrafia estamos em aulas híbridas pois os alunos não têm esse material em casa”*. O que nos leva considerar que não apenas o contato pessoal e experiência dentro dos ateliês são significativas, mas a relação com as materialidades, tanto quanto o poder aquisitivo para alguns materiais. Do ponto de vista dos/as estudantes, mesmo que uma experiência outra, diferente do esperado e com muitos significados quanto ao pensar outros modos de fazer/criar suas produções, ainda, o espaço/lugar do ateliê é visto como incomparável. Ressaltam a falta de recursos para realização de certas atividades e assim ficarem para o final do semestre, acumulando tarefas. As atividades dos ateliês

Ocorrem em casa, por conta do isolamento. Professor/professora auxiliando como pode, mas é incomparável com o acompanhamento no ateliê. Deixei muitos trabalhos em atraso por conta da mudança de rotina, tive muitas dificuldades, não consegui aprender direito, minha expectativa em relação à tal aula foi frustrante (A5).

Ocorre que as mudanças podem ser penosas, mas a falta dos ateliês durante esse período, foi o que mais nos tocou, a considerar a situação e a necessidade da aproximação com nossas produções e os ateliês são esses espaços/lugares que nos oportunizam maior vínculo com a arte e a certo modo um acalento. Viventes dessas mudanças, partícipes de um movimento significativo e histórico – não só na educação. No início da pandemia – arrisco dizer que ainda hoje – a arte foi clamada, mais do que nunca, desde um suspiro de esperança até resistência política. A aula de ateliê me parecia em alguns momentos, distante e inatingível; mas em outros era o meu suspiro de esperança e tantos outros o de resistência política. Para os pesquisados, quando questionados sobre *“Como você define o conceito de experiência e criação em arte nas AMT?”*, foram inúmeras colocações e relações. Palavras como *“incompletude”* (A2) e *“superação e iniciativa”* (P2); vem a afirmar o que A5 nos diz: *“mutável, cada um se adapta de uma maneira e tem seu próprio processo”*. De um modo geral, os pesquisados falaram sobre as experiências de criação em arte como processo:

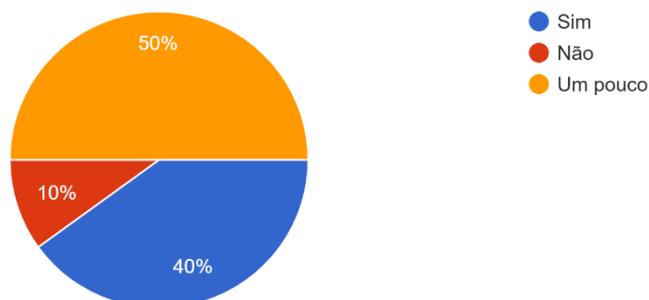
Estudar arte durante o isolamento nos faz pensar a experiência e a criação por meio de outros suportes, é uma forma de ampliar as nossas percepções por meio da tecnologia e um grande desafio a ser enfrentado, no sentido de pensar a arte e os conceitos de arte considerando também o distanciamento. São mudanças que contribuem também para transformações, pois agimos diferente do que estávamos condicionados (A1).

Tenho pensado muito no chá gelado do Allan Kaprow: “ele faz chá, observa e se observa”. Para esse artista, prestar atenção e estar consciente quando se faz uma atividade cotidiana (como um chá) pode ser mais fundamental que produzir “objetos convencionalmente artísticos”. Nesse mundo hiperconectado, acho que a potência da experiência e a criação estão no ato “quase revolucionário” de olhar para o ordinário (P4).

Entre as ações sobre os processos de criação, aulas de ateliês e teóricas durante as AMTs, também é importante pensar e analisar qual a relação das pessoas desse movimento com as tecnologias. Tanto do ponto de vista dos/as professores/as quanto dos/as estudantes, a considerar que a análise não os separa no gráfico, considerando pessoas partícipes do movimento e suas relações com as tecnologias de um modo geral.

Imagem 11: Resultado da questão número 5 realizada pelo Google Forms

Você tinha uma boa relação com as tecnologias (computador, internet, celular) antes do isolamento social?
10 respostas



Fonte: Google Forms.

As relações com as tecnologias eram evidentes, 1 entre os 10 entrevistados não tinham uma boa relação com as tecnologias apontadas. Além de considerarmos a adaptação para pessoas que não tinham uma boa relação com as tecnologias, fica

evidente que os números, ao considerar apenas os/as entrevistados/as, são consideráveis sobre a relação mediana com as tecnologias. É válido lembrar que não foram questionados quanto aos softwares, aplicativos e extensões; o que poderia fazer diferença considerável ao que se refere as AMTs.

Do ponto de vista dos/as acadêmicos/as, identifico que os problemas foram mais evidentes quanto aos recursos e a dependência deles. Acesso à internet e computadores, tivemos dois relatos que conseguiram dar continuidade com os empréstimos de notebooks da universidade; entretanto, a internet instável foram os maiores impasses relatados.

Foi complicado no início porque estava sem computador. Mas depois da Aurélia ter pedido um computador emprestado da Unesc, ficou uma maravilha. Sempre com medo da internet cair a qualquer momento pois é a especialidade da minha internet. O celular, sempre tenho um celular ruim, então... :|¹⁸ (A4).

Do ponto de vista dos professores/as, o sentimento de distanciamento é como algo inatingível, aparentemente doloroso, mesmo nos relatos dos que dizem não ter problemas com a mudança ou com a tecnologia. A insegurança, é algo presente direta ou indiretamente em algumas respostas.

Sempre gostei de tecnologias, mas elas não eram tão presentes na minha prática docente. No início senti muita insegurança, pelo uso das novas ferramentas, mas também por todo o contexto de incerteza provocado pela pandemia. Nunca vou esquecer da primeira aula, o silêncio dos microfones desligados, os rostinhos distantes, a solidão da minha casa ecoando a minha voz. Lembro que desliguei a videochamada e desabei, pensei que não seria possível, que não conseguiria. Mas a experiência foi melhorando a cada dia, fomos aprendendo o sentido de mediar por meio das tecnologias. É um espaço diferente, que exige outro ritmo, outras dinâmicas. Nesse processo os alunos foram incríveis, me senti muito acolhida, recebi muito apoio e ajuda. E assim seguimos, ensinado e aprendendo juntos! (P4).

As relações pessoais por vezes se intensificaram e foram significativas para seguirmos. Além disso, pensar outras relações, como as com os novos termos e conceitos. Para nós, que lidamos com o vocabulário do presencial: sala, carteira, data-show, quadro, contato físico, debates em mesas redondas, papel, impressões e *xerox*. E logo tivemos que nos ajustar aos termos: aulas remotas, encontro por *Google*

¹⁸ Indicando que o celular não seria uma ferramenta adequada para as aulas e utilizando emoticon (emoção + ícone).

*Meet*¹⁹, apresentações virtuais, biblioteca virtual, debates com telas, aulas síncronas e assíncronas. Sem contato físico e um olho no olho olhando sem olhar, além das constantes dúvidas entre EaD e Ensino Remoto. Aqui, começamos a ouvir sobre as possibilidades e intenções do ensino híbrido. Alguns termos já conhecíamos, mas agora nos obrigamos a tratá-los como nosso.

3.3 EDUCAÇÃO HÍBRIDA: UM NOVO NORMAL?

Entre as ações da universidade para se adaptar ao novo momento em que o ensino estava exposto, estão as salas híbridas. Lugares adaptados para aproximar o/a estudante da universidade, talvez até mesmo na tentativa de tornar o ensino ainda mais palpável para aprendizagens ainda mais significativas. Estabelecer vínculos também é importante na relação entre o ensino e a aprendizagem. As salas híbridas foram equipadas – salas convencionais, ateliês e laboratórios – algumas com dois data-shows para adaptar as salas na tentativa de considerar os/as estudantes na sala mesmo que à distância; câmeras para possibilitar a quem está em casa ver o que acontece na sala, o professor/a e o quadro – que também foi adaptado com material apropriado para que não tivesse reflexo; paredes verdes e janelas com películas escuras para dar maior visibilidade. Pensou-se nas salas híbridas como possibilidade de ter aulas a partir do ambiente universitário, estreitar relações entre o presencial e o virtual.

Dar sentido, aproximar, estabelecer relações e conexões; e não menos importante, oportunizar aulas presenciais para quem fosse possível e AMT para quem não poderia estar no presencial.
Primavera, 11:11 ✓

¹⁹ Google Meet (Google Reuniões) é uma ferramenta Google (GSuíte) que possibilita uma videochamada por meio de um link que pode ser compartilhado, com capacidade de até 250 pessoas em uma mesma ligação.

Dessa perspectiva, passamos a conhecer e pensar mais sobre o que viria a ser esse modelo de ensino. O ensino híbrido é uma metodologia que combina o aprendizado online com o offline. É também encontrado na literatura com o termo *blended* que vem do inglês que significa ‘misturar’. Esta mescla é reconhecida por dois momentos, parte ocorre com aprendizado virtual em que o estudante tem autonomia para estudar sozinho e a segunda presencialmente com a troca entre pares e entre professores/as e estudantes. A intenção deste método de ensino é que os dois momentos sejam complementares, propondo um maior interesse aos estudantes e facilmente personalizado pelas instituições de ensino, professores e professoras. (MORAN, 2015; BACICH, 2015; HORN e STAKER, 2015).

Analisar esse novo formato de ensino e as pessoas que fazem parte dele, exige uma proposta de repensar, remodelar, replanejar as organizações das salas de aula – tanto as salas físicas quanto as salas virtuais – e acompanhar as alterações do ensino tradicional. O método que considero, o ensino híbrido, busca propor inúmeras possibilidades de aprendizagem entre o digital e o pessoal. O que não significa que o virtual seja sempre em casa distante da instituição de ensino, pode ser em outro espaço/lugar, como: na biblioteca, no laboratório de informática e até mesmo na sala de aula física ou ao ar livre com a utilização de dispositivos móveis, por exemplo. Como aponta, Moran (2015, p.38) “os projetos pedagógicos inovadores conciliam, na organização curricular, espaços, tempos e projetos que equilibram a comunicação pessoal e a colaborativa, presencial e on-line”.

Pensar para depois da pandemia em alguns momentos, parece-me distante, porém considero necessário. O percurso pode parecer doloroso, a mudança, por muitas vezes, não é um processo tão leve como gostaríamos. Mas não podemos deixar todo aprendizado com essas experiências de lado, e fazer que nada aconteceu.

Do ponto de vista dos entrevistados, quando questionados sobre: “*Você reconhece os impactos para educação para depois da COVID19? Quais?*”; 2 citam o ensino híbrido como possibilidade de um novo ensino e reconhecem que é um modelo promissor. A5 considera que modelos podem ser reconhecidos – não especifica – como possibilidade de um novo ensino influenciado pelo processo atual adotado. P1 ressalta que almeja entre possíveis impactos na educação, esteja a valorização docente. E A3 diz que:

Sim! Os impactos que trouxe foi de pensar um ensino que vai além dos espaços físicos da universidade. Nos aproximando ainda mais dos recursos digitais. A utilização de tecnologia já era feita em nossas vidas, através do celular, computador etc. Mas usar esses recursos para mediar as aulas foi um aprendizado. Algo que mudou nossa relação com o ensino e aprendizagem.

Ou ainda provocações ampliam nossas reflexões:

Do lugar de onde estou: um curso de graduação em uma universidade que não parou, percebo que algumas coisas ficaram por fazer (em função do não presencial), mas de um modo geral aprendemos muito. Talvez mais do que se fosse presencial. Muito mais. Foi um salto, se pensarmos nos recursos tecnológicos, por exemplo. Entendo que na Educação de um modo geral, o impacto fica por conta de uma pergunta bastante provocativa: o que interessa ensinar e o que interessa aprender? Quando falamos em impacto, a que nos referimos? (P3).

O processo de inovação já estava se desenhando. A mudança na educação era necessária. A pandemia acelerou, tirou-nos o processo paulatino que se construía. Mas é momento de pensarmos no que ficou de positivo. O que aprendemos com tudo isso. É sabido que aulas práticas, por exemplo, necessitam da presencialidade e muito se perde na virtualidade. Mas aulas teóricas mediadas por tecnologia tendem a propiciar, inclusive, um processo de ensino que oportuniza a autonomia tão citada desde muito quando falamos de ensino. E sim, com aprendizagem significativa. Considero assim que o ensino híbrido terá continuidade para depois desse tempo.

Com as análises das pesquisas apresentadas neste capítulo, é válido considerar as experiências e a falta que muitos ressaltam de estar nos ateliês, as nossas aulas práticas. São falas e situações que me motivam a falar sobre e das experiências oportunizadas por esses espaços/lugares. De que experiência os pesquisados falam? Quais os motivos que nos levam a identificar as práticas nos ateliês e processos criativos significativos para a formação docente em artes? No próximo capítulo, trago posicionamentos, conceitos e relatos sobre essas relações com as aulas práticas e as necessidades de contato com as materialidades nos ateliês para minha formação de professora de Artes.

4 O LUGAR DA EXPERIÊNCIA

*“E eu corro o risco de ficar como as pessoas grandes,
que só se interessam por número.
Foi por isso que comprei
uma caixa de tinta e alguns lápis”.*
O Pequeno Príncipe – Antoine de Saint-Exupéry.

Sempre tive proximidade com os números. Durante o Ensino Médio fiz curso técnico em Construção Civil. A parte do desenho e da criação, muito me agradavam, mas as aulas de cálculo faziam parecer algo que já pertencia a mim. E as de desenho, mesmo técnico, eram as aulas que me permitiam algo para além dos números. Primeiro insisti seguir carreira profissional que permitia apenas números, mas depois, muito mais os desenhos, momento em que descobri a imensidão da arte e percebi que a educação como profissão era a minha rota. E foi aí, “que comprei uma caixa de tinta e alguns lápis. Era difícil voltar a desenhar, na minha idade, já adulta...” mas não queria correr o risco de não experimentar para além do desenho e experimentar a arte.

*Tá certo, vão me questionar:
“permitiam o que?” Bom, a
palavra permitir é gigante, não
é mesmo? Era isso que eu
sentia... algo tão grandioso
quanto a liberdade, mesmo
com a técnica. Um sentimento
bom e que me tirava da
dureza exata. Era a sensação
de equilíbrio.
Primavera, 11:11 ✓*

Com essa memória inicial, passo a refletir sobre o lugar da experiência a partir do pressuposto da arte, e, para que consiga melhor explorar tal experiência, apropriei-me do livro “Arte como experiência” de John Dewey. Ele indica, ao falar de experiência, que arte e estética são intrínsecas e indissociáveis, por esse motivo, vou percorrer pelo pensamento deweyano para falar do lugar da experiência que discorre essa pesquisa.

Iniciemos pela história da arte. Em tempos pré-históricos as pessoas não faziam algo como se fosse um objeto ou obra de arte, porém a partir da modernidade, segundo Dewey (2010), vimos nos museus e galerias de arte como objeto/obra de arte. Isso se dá, pelo processo de execução, pois as pessoas que trabalharam no

referido objeto, tiveram algum tipo de experiência. Caso contrário, pertencem a outro tipo de museu:²⁰.

Passa a ter lugar em um museu de história natural, e não em um museu de arte. E o extraordinário é que a diferença assim produzida não é apenas de classificação intelectual. Cria-se uma diferença na percepção apreciativa, e de maneira direta. Portanto, a experiência estética - em seu sentido estrito - é vista como inerentemente ligada à experiência de criar (DEWEY, 2010, p.129).

Com o crescimento das sociedades, o surgimento do capitalismo, os “novos ricos” sentem necessidade de consumir objetos raros e simbólicos de arte como “campo da cultura superior” (DEWEY, 2010). O que que acentua o pensamento da arte como inatingível. Claro que a igreja tem seu papel importante nesse trajeto pois durante a Idade Média a religião lidava com questões que instigavam os sentidos das pessoas por meio de recursos sensoriais, com isso, mantinham em sua posse, além da ciência a arte.

A música, a pintura, a escultura, a arquitetura, o teatro e o romance eram servos da religião, tanto quanto o eram a ciência e a erudição. As artes mal chegavam a ter existência fora da igreja, e os ritos e cerimônias eclesiais eram artes encenadas em condições que lhes davam o máximo possível de apelo emocional e imaginativo (DEWEY, 2010, p.102).

São situações que, a certo modo, estão imbricadas ao olhar limitante sobre a arte e que refletem no ensino da arte nas escolas. As restrições de acesso e de reconhecimento da arte, como apresentadas em sua história, foram geradoras de impasses para o desenvolvimento sobre o que viria a ser arte. E assim, não distante, como a arte poderia ser vista na escola, processo valioso na construção dos sujeitos.

Relembro vivências, sentimentos e emoções da minha vida escolar que foram experiências estéticas fundamentais para a minha escolha como futura professora de Artes. Em alguns momentos, pegava-me a pensar: *por que Artes?* E hoje, percebo que a resposta está vinculada a essas experiências. “O que a criatura viva preserva do passado e espera do futuro funciona como orientações no presente” (DEWEY, 2010, p.83).

²⁰ Grifo meu.

Em 2017, na primeira fase da graduação, participei de uma ocupação no Centro Cultural Jorge Zanatta na tentativa de chamar atenção das autoridades de Criciúma para um dos espaços culturais que conta parte da história da região. Ele estava em ruínas, desprezado e muito diferente de como guardei em minha memória. Foram as primeiras emoções que remetiam aos meus motivos de estar “aqui e agora” que o curso de Artes Visuais me proporcionou. Ali, exatamente na sala de exposições – que veio a se chamar de Galeria Willy Zumblick, lembro-me que quando criança sonhava em expor naquela primeira parte da sala. E foi ali, naquele lugar/espaço que percebi as experiências valiosas que me trouxeram até aqui, e que retomarei na seção 4.2.

A arte, portanto, prefigura-se nos próprios processos do viver. O pássaro constrói seu ninho, e o castor, seu dique, quando as pressões orgânicas internas cooperam com o material externo para que as primeiras se realizem e o segundo seja transformado em uma combinação satisfatória [...] a consciência em si é a origem dessa transformação (DEWEY, 2010, p.92).

A estética tem relação com esse emaranhado de vivências que despertam sentimentos e emoções variadas entre – no sentido de junção e não de separação, como pontos de ligações importantes que oportunizam experiência estética – arte e experiência. O que não nos permite identificar o estético como um intruso na experiência. Ou, que a experiência é uma mera receptora da estética como se fossem descolados. Mas que a estética é o processo que pertence a experiência. “Para ser verdadeiramente artística, uma obra também tem de ser estética - ou seja, moldada para uma percepção receptiva” (DEWEY, 2010, p.128).

O autor dá o exemplo, hipotético, da experiência de uma pedra ao rolar morro abaixo. O ato apenas do rolar morro abaixo se dá por uma simples prática, a de rolar morro abaixo. No entanto, ele supõe que se imaginarmos:

[...] que a pedra anseia pelo resultado final; de que se interessa pelas coisas que encontra no caminho, pelas condições que aceleram e retardam seu avanço, com respeito à influência delas no final; de que age e se sente em relação a elas conforme a função de obstáculo ao auxílio que lhes atribui; e de que a chegada final ao repouso se relaciona com tudo que veio antes, como a culminação de um movimento contínuo. Nesse caso, a pedra teria uma experiência, e uma experiência com qualidade estética (p.116).

A partir disso, passo a refletir sobre a influência da arte como experiência estética na formação dos sujeitos na escola, partindo das minhas próprias experiências na educação básica. E pela busca dessas experiências na formação

docente com a expectativa de que isso reflita nas minhas ações na escola com os/as estudantes.

4.1 CONCEITO DE EXPERIÊNCIA

Refletir sobre o percurso formativo docente em arte, é pensar sobre experiências estéticas que se dão desde a educação básica, na graduação e no retorno para escola após a formação inicial. Pensar nessa rota, nesse caminho, é considerar que a experiência se dá pelo processo, muito mais que pelo fim. E como podemos considerar esses processos que chamamos de experiência? Entre outras coisas, para que haja experiência é necessário que exista o fazer e estar sujeito. Ou seja, se a pessoa não “sujeitar-se” a alguma coisa dificilmente será contemplada pela experiência. Percebo como um emaranhado de fazeres mecânicos e vivências aleatórias, desconexas; sem significados. Ao mencionar significados, não me refiro que existem respostas fechadas ou preexistentes para o que possa vir a ser uma experiência. Compreendo, a partir de Dewey (2010), que significados são sentidos aliados a vivências, sentimentos e emoções que quando conectados permite o que chamamos de experiência.

Quando temos vivências passageiras e mecânicas, não são experiências. “Vivenciar a experiência, como respirar, é um ritmo de absorções e expulsões. Sua sucessão é pontuada e transformada em um ritmo pela existência de intervalos, períodos em que uma fase é cessada e uma outra é inicial e preparatória” (DEWEY, 2010, p.139). O excesso de receptividade pode ser delimitador para uma experiência. Quando as coisas passam depressa, independem de percepção e o acúmulo de impressões sobre o mundo, isso não é experiência. Larrosa e Dewey²¹ concordam em dizer que não é possível se ter experiência baseado em questões passageiras, acúmulo de informações, marcados pelo excesso.

Cada lugar de repouso, na experiência, é um vivenciar em que são absorvidas e incorporadas as consequências de atos anteriores, e, a menos que esses

²¹ Dewey e Larrosa partem de tempos e concepções de experiência distintos, porém, busco aproximá-los por entender que ambos são significativos para o amadurecimento do conceito de experiência que apresento na pesquisa.

atos sejam de extremo capricho ou pura rotina, cada um traz em si um significado que foi extraído e conservado (DEWEY, 2010, p.140).

Poderíamos estar vivendo uma ilusão - ou não - em que tudo passava - no sentido de ir sem ver ou perceber como um todo. Talvez, uma falsa ilusão em que todas as coisas aconteciam.

Nós somos sujeitos ultra informados, transbordantes de opiniões e superestimulados, mas também sujeitos cheios de vontade e hiperativos. E por isso, porque sempre estamos querendo o que não é, porque estamos sempre em atividade, porque estamos sempre mobilizados, não podemos parar. E, por não podermos parar, nada nos acontece (LARROSA, 2002, p.24).

Como aponta Larrosa (2002), a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. E ao considerar que nunca se passaram tantas coisas, coloca-se a experiência como algo cada vez mais raro. O excesso de informação que segundo Larrosa, não é experiência: “A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência” (2002, p.21). Esse excesso de informação, nos permite refletir ou até mesmo analisar, sobre as identidades culturais propiciadas por esse excesso:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas - desalojadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente” (HALL, 2000, p.75).

Não apenas importante, mas se faz necessário considerar que a experiência não se dá apenas pelo meio em que se vive, mas pela interação com este meio. Este meio dialoga com as condições da natureza humana concomitante à experiência. No entanto, existe uma certa compartimentalização sobre os princípios do funcionamento da experiência; elas tendem a separar a experiência da natureza humana. Mas não é possível separar a experiência da natureza humana, pois a experiência parte de condições dessa natureza (DEWEY, 2010).

Ainda, pode-se dizer que a experiência também são experimentos que façam sentido no cotidiano de uma pessoa, de um povo, da sociedade em geral fazendo parte ou não de uma cultura. O importante, ao tratar-se de experiência é que não seja o fazer pelo fazer e sim o fazer com o sentido de ser feito e que pode acontecer ou não de maneira imperceptível, mas intrínseca à ação. O que vem afirmar que a experiência é percebida como um todo, como uma construção diversa de vivências, sentimentos, emoções, fazer/experimentar e estar disposto a tudo isso, sem esperar um resultado em um lugar.

4.2 O LUGAR DO ATELIÊ, DA PRÁTICA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR E DA PROFESSORA DE ARTE

Estar disposto/a a construir relações entre os lugares, dando a amplitude de espaço, a partir, entre outras coisas, das vivências, sentimentos, emoções, fazer/experimentar para que se tenham experiências. Pensar no lugar na perspectiva de que é o “responsável pela construção de nossas raízes e nossas referências no mundo” (CANTON, 2009), uma zona específica do espaço. O espaço e o lugar têm uma relação singular que dependem das circunstâncias e dos objetos. Canton (2009), dialoga com o sociólogo Anthony Giddens para pensar nos significados dessas palavras, e nos propõe que enquanto o espaço é utilizado genericamente o lugar vai se referir a um espaço específico, particular. Quando utilizo lugar/espaço, considero que pode ser um lugar que propõe essas conexões íntimas, ao mesmo tempo que toma a amplitude de espaço dando abertura as possibilidades e significados que possa se ter ou se dar por meio de experiências.

Entre as raízes e a amplitude, penso a formação docente em arte a partir das relações com os ateliês e os laboratórios de arte como os lugares/espaços que ‘tudo pode acontecer’. Derdyk fala, em suas entrevistas – que acompanharemos no decorrer da seção –, das linhas e do desenho no espaço, como “um campo de acontecimentos”, o qual relaciono com as experiências nos ateliês. Eles são campos de acontecimentos que

*O que me lembra do seriado dos anos 90 “Mundo da Lua” exibido pela TV Cultura, e utilizei a fala do personagem Lucas Silva e Silva na contracapa do meu primeiro Diário de Bordo na primeira fase, na aula de Seminário Temático de Integração I: “Alô? Alô? Planeta Terra chamando, planeta Terra chamando... Esta é mais uma edição do diário de bordo de Francine Nazário da Silva falando diretamente do mundo da lua, onde tudo pode acontecer”
Primavera, 11:11 ✓*

nos permitem experimentar suportes, materiais, equipamentos; mas para além das suas materialidades, permite-nos construir, a partir das nossas próprias vivências, cria relações entre teoria e prática a fim de construir uma unidade neste entre para uma aprendizagem significativa. As linhas de Derdyk nos remetem a reflexão sobre os diálogos, as conexões entre as pessoas.

Quando citamos teoria e prática, parece-me que dá um sentido dual. Claro que se faz necessário compreender que são dois para que elas aconteçam. Mas também, passo a refletir sobre os cuidados de falar sobre teoria e prática como uma unidade para uma aprendizagem significativa.
Primavera, 11:11 ✓

No emaranhado disperso da vida cotidiana, afinal, procuramos o eu através do outro, rastreamos nossas histórias e abrimos nossos diários íntimos na tentativa de nos oferecer verdadeiramente para o mundo. É essa troca genuína de memórias e de sentidos que buscam os artistas contemporâneos (CANTON, 2009, p.35).

Ainda, a artista e professora fala sobre os seus trabalhos dialogarem com o espaço, criar possibilidades, inventar procedimentos específicos para cada ocupação. Isso porque, quando falamos de espaços e lugares, devemos considerar as suas especificidades. Espaços/lugares tem muito a nos oferecer, mas se faz necessário estar aberto para se conectar a eles. Além disso, é um espaço de troca, entre as pessoas que também ocupam esse espaço/lugar, com os artistas ali apresentados e suas as materialidades.

Em 2018, Derdyk se aventurou em expor uma instalação a céu aberto em Paris, França. Uma floresta gigante, uma reserva natural, em um lugar úmido por ser próximo a um rio e árvores gigantes e que acabou por ser intitulada *Fantasmagoria*:

Aqui a luz é muito incrível. Ela entra no bosque de maneira transversal. Como comecei a construir como se fosse uma grande aquarela, muralhas transparentes dão uma experiência física de atravessamento do corpo no espaço. A luz corta o bosque em diagonal. Como fiz em várias camadas, é como se fossem grandes telas que recebessem as sombras das árvores. Daí o nome *fantasmagoria* [...] Pretendo provocar uma mudança no padrão de percepção, onde a apreensão do trabalho depende da inserção do corpo, com todos os seus sentidos, e não somente o olhar, dentro do espaço.²²

²² Edith Derdyk em entrevista para RFI (rádio francesa de notícias) publicado em 03 de julho de 2017: [“Meu trabalho dialoga com o espaço”: Edith Derdyk, artista plástica.](#)

E assim, conforme nas imagens 12, 13 e 14 da instalação de Derdyk, passo a relacionar as construções nos ateliês com o percurso da minha formação como professora de Artes e as práticas na escola. Iniciamos de um jeito e no percurso vamos mudando. Vivenciar, sentir, emocionar-se, fazer/experimentar e estar disposta a tudo isso. As experiências nos transformam, criando uma espécie de rizoma²³ no percurso entre os acontecimentos e os conhecimentos. A percepção que o entre é infinito em suas possibilidades.

²³ “Rizoma. Termo que vem da botânica. Um tipo de caule. Um tipo de comportamento de caule: que se espalha em diversas direções, [...] Deleuze e Guattari (1995) o tomam emprestado para opor à noção estrutural de árvore, verticalizada, bifurcada” (PICOSQUE, Gisa; MARTINS, Mirian Celeste. Travessias para fluxos desejanter do professor-propositor. Org. OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Arte, educação e cultura. p.347). “Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo [...] Faça a linha e nunca um ponto! A velocidade transforma ponto em linha! Seja rápido, mesmo parado! Linha da chance, jogo de cintura, linha de fuga.” (Gilles, DELEUZE; Félix, GUATARRI, Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995-1997. 5 v. (Coleção trans). (v. 1). p. 35 e 36).



*Imagem 12: Instalação
Fantasmagoria - Edith Derdyk*

Fonte: RFI - Rádio francesa de notícias

Foto: Barbara Fecchio

*Imagem 13: Instalação
Fantasmagoria - Edith Derdyk*

Fonte: RFI - Rádio francesa de notícias

Foto: Barbara Fecchio



As coletas do processo. O entre.
Primavera, 11:11 ✓



Imagem 14: Instalação Fantasmagoria - Edith Derdyk

Fonte: RFI - Rádio francesa de notícias

Foto: Barbara Fecchio

Ao pensar na formação docente em artes, passamos a considerar as aproximações, entre a teoria e a prática. Aqui, especificamente na formação de professores e professoras de Artes no curso de Artes Visuais da Unesc e o reconhecimento da importância nas práticas nos ateliês e laboratórios. Espaços/lugares que nos permitem estar entre a teoria e a prática, o saber e o fazer; estabelecendo conexões importantes e potentes oportunizadas pelo processo criativo nos ateliês e laboratórios e que não se limitam apenas ao saber.

Para propor a rede de conexões entre as práticas artísticas e os saberes pedagógicos, considerados como essenciais na construção da subjetividade do artista professor, compreende-se esse ateliê como um lugar de significação do sujeito em prática. Pois é nele que, através das experimentações, instaura-se possibilidades de experiências que propiciem estados de singularidades através de redes de conexões que o processo criativo possibilita instaurar [...] Conexões que, esperam-se, o sujeito em prática faça através das possibilidades oferecidas pela experiência da aula ateliê durante o processo criativo. Redes que se interligam promovendo rizomas entre o pensamento da práxis e a atuação em sala de aula (FACCO, 2018, p.108).

Os ateliês e os laboratórios são espaços que oportunizam a ampliação do repertório cultural e artístico do professor e professora em formação. São espaços/lugares que nos permitem ser e sentir antes de estarmos na sala de aula como regentes do aprendizado de muitos. Nos colocam na posição de eternos aprendentes, pois são espaços que propiciam vivências outras. É o nosso espaço de criação que nos coloca pertencentes ao processo.

Nas primeiras fases não identificava os ateliês como possibilidades de aprendizado. Mas se faz necessário estar aberto para as experiências que esses lugares/espaços podem propiciar. Como afirma Dewey (2010) ao colocar que é preciso estar disposto para experimentar. Ou como diz Derdyk (2011), inicialmente pode parecer o simples prazer de fazer, sem respostas imediatas e em momento posterior esse olhar/voz/imaginação ao fazer “parece também informar as sensibilidades e conquistar inteligências e conhecimentos”.

Na aula de Ateliê de Pintura I, havíamos conhecido técnicas para que pudéssemos além de aprendê-las, reconhecemo-nos enquanto artistas. Foi um processo doloroso para mim, sentia-me presa ao certo e o errado e ao mesmo tempo me parecia que não era o que se aproximava de mim; das minhas vivências, sentimentos, emoções. Tinha necessidade de me sentir livre e foi um processo

exaustivo desde a percepção até o reconhecimento sobre as dificuldades para voar. A paciência e a sensibilidade, os questionamentos e as provocações do professor, foram imprescindíveis para que eu saísse do casulo.

Trata-se de explorar, através de materiais – comuns e incomuns –, as formas que ainda não conhecemos, as técnicas que ainda não dominamos, as ideias que ainda não sabemos. E eis o grande mistério: são as perguntas, as dúvidas, os acasos, as brincadeiras e as estranhezas que nos movimentam neste espaço tão particular – o espaço da criação – seja para as crianças, os adolescentes, os adultos dispostos a passar pela experiência da arte (DERDYK, 2011, S/P).

Na aula de Ateliê de Pintura II, que trabalhamos em projetos pessoais, pude perambular pelas técnicas e as possibilidades de hibridização das linguagens de arte. E foi nesse momento, em 2018, que passei a experimentar essas experiências dos ateliês em sala de aula. Como mencionado, lecionei em 2018 em uma escola de educação básica para crianças do ensino fundamental I. Experiência que oportunizou estabelecer relações entre o hipotético – teoria – e o real – sala de aula como professora. Com isso, arrisquei-me a propor uma produção com as crianças concomitante ao que estava produzindo em ateliê.

Foi o processo de produção do *Compreender-Refletir-Transcender* que oportunizou experiências com diversos materiais e suportes para que chegasse essa produção final. Foram essas experiências que motivaram a compartilhar com os/as estudantes do 2º ano de ensino fundamental para que tivessem a oportunidade de experimentar diversos suportes e materiais. A cada descoberta minha em ateliê ousava em apresentar para eles. A proposta era utilizar diversos materiais e suportes e ocupar os diversos espaços da escola, alguns, por vezes, não percebidos por eles e elas. A ideia de ocupar diversos espaços da escola, também foi uma proposta do professor comigo, para que eu conseguisse compreender aquilo que fizesse sentido para mim, para as minhas produções e processos criativos.

Em alguns momentos até arriscava em relacionar com espaços/lugares da cidade, como praças e parques. Com que frequência ocupavam esses espaços, qual a relação deles com esses lugares, e o cuidado que tinham com esses espaços públicos.
Primavera, 11:11 ✓

Compreender-Refletir-Transcender era o meu processo dentro dos processos entre a escola e o ateliê. Tratava-se da compreensão que a professora e a artista eram uma. Reflexões sobre a quebra de um pensamento dual entre ser e fazer, professora e artista, profissional e pessoal. E assim, compreender que estamos em processo que requer reflexões diversas para que possamos transcender; e retomar.

Em uma perspectiva de “narrativas enviesadas”, como propõe Kátia Canton (2009b), os percursos vão se alinhando, afunilando, aproximando. A nossa ação final – a minha que reverberou na produção final *Compreender-Refletir-Transcender* e a das crianças – ocorreu na mesma semana. Optei, pela primeira vez, que as crianças fizessem primeiro. Sentia, em especial que naquele momento, tinha muito mais a aprender. A minha produção final necessitava de uma liberdade, sensibilidade, entusiasmo e harmonia que só elas poderiam me ensinar.

Inicialmente, apresentei as produções em imagens e vídeos de Jackson Pollock e a proposta de pintura de ação. Conversamos sobre nossas práticas dos últimos meses e como eles e elas percebiam a arte de Pollock dentro daquilo que fizemos. As respostas são sempre impressionantes. Há quem diga que sou muito ousada. Mas cansei de ‘duvidar’ que eles e elas não têm opinião e passei a me impressionar com aquilo que já sabem. São nesses momentos que consigo identificar quais as próximas práticas que se aproximam daquilo que faz sentido para as crianças e não daquilo que faça sentido só para mim. O diálogo se manteve ao perceberem que o artista usava outros materiais e suportes que eles e elas ainda não tinham experimentado e sobre a liberdade de expressão. Canton (2009b), ao falar da emancipação da arte e de artistas como Pollock, afirma que “[...] tudo isso fazia parte de uma necessidade de autonomia e valorização do “agora”, o que superaria as experiências

As primeiras aulas e em diversos momentos, conversamos sobre o que seriam materiais e suportes. Antes de cada atividade eles/as apresentavam o que seriam os materiais e os suportes do dia. Primavera, 11:11 ✓

Acreditem, esses eram minhas crianças! Também conversávamos sobre o que seria essa liberdade, sobre a liberdade também se tratar de respeito ao espaço do outro. E com a resposta me surpreenderam ainda mais, porque tinha certeza que falaria apenas da prática.

das vanguardas europeias, que dialogavam com as próprias tradições históricas” (p.18). E ao relacionar um ensino emancipador, autônomo e o/a estudante como protagonista do seu percurso, ganha um potente significado.

Enfim, chegou o grande dia. Todas as crianças levaram uma peça de roupa para fazer a atividade. Eram as duas últimas aulas, e não podiam me ver nos corredores da escola que perguntavam se ia demorar muito para chegar a hora da aula. As crianças ainda não sabiam como seria a atividade, mas sabiam que tinha relação com Pollock. Ver as crianças se divertindo com tudo aquilo (Imagem 15), amando o processo e querendo saber mais sobre o artista, fez com que compreendesse na prática a importância da relação do professor e professora com o ateliê em suas práticas. Não apenas por dar ainda mais propriedade e clareza em nossas falas sobre arte, mas também, pelo entusiasmo de levar as práticas artísticas para os/as estudantes que fazem diferença em como eles e elas recebem, reconhecem e se apropriam.



*Imagem 15: Crianças do 2º ano (F1)
- atividade de pintura*

Fonte: acervo da pesquisadora.

Foi a oportunidade para expor a minha produção e a produção das crianças; existia muito mais que técnica naquele mesmo lugar/espço (Imagem 16 e 17). Segundo Derdyk (2011), o ateliê pode ser um recorte do tempo e espaço e independe de lugar ao considerar possibilidades aos experimentos do ato de criação, o que por vezes parece ser contraditório ao seu conceito. Ao fazer a curadoria dessa exposição, junto a outras duas professoras e ver no rosto delas a descrença da genialidade que as crianças produziram. A reação dos professores e professoras em não ter entendido muito o processo e surpresos com o resultado. Percebi que a exposição auxiliou na credibilidade da atividade. Afinal, ainda estamos acostumados a nos importar apenas com resultados visíveis aos nossos olhos.

“O conceito de ateliê, então, deveria ser revisitado” (DERDYK, 2011). Ou não, talvez são olhares outros sobre inúmeras possibilidades de pensar os espaços de criação, o ateliê. Físico ou aberto. Falamos da importância de um espaço/lugar, um ateliê, para que ocorra as aulas de Artes. Mas minha reflexão aqui, é sobre os muitos lugares/espços que habitam a arte e que oportunizam experimentações outras. Primavera, 11:11 ✓

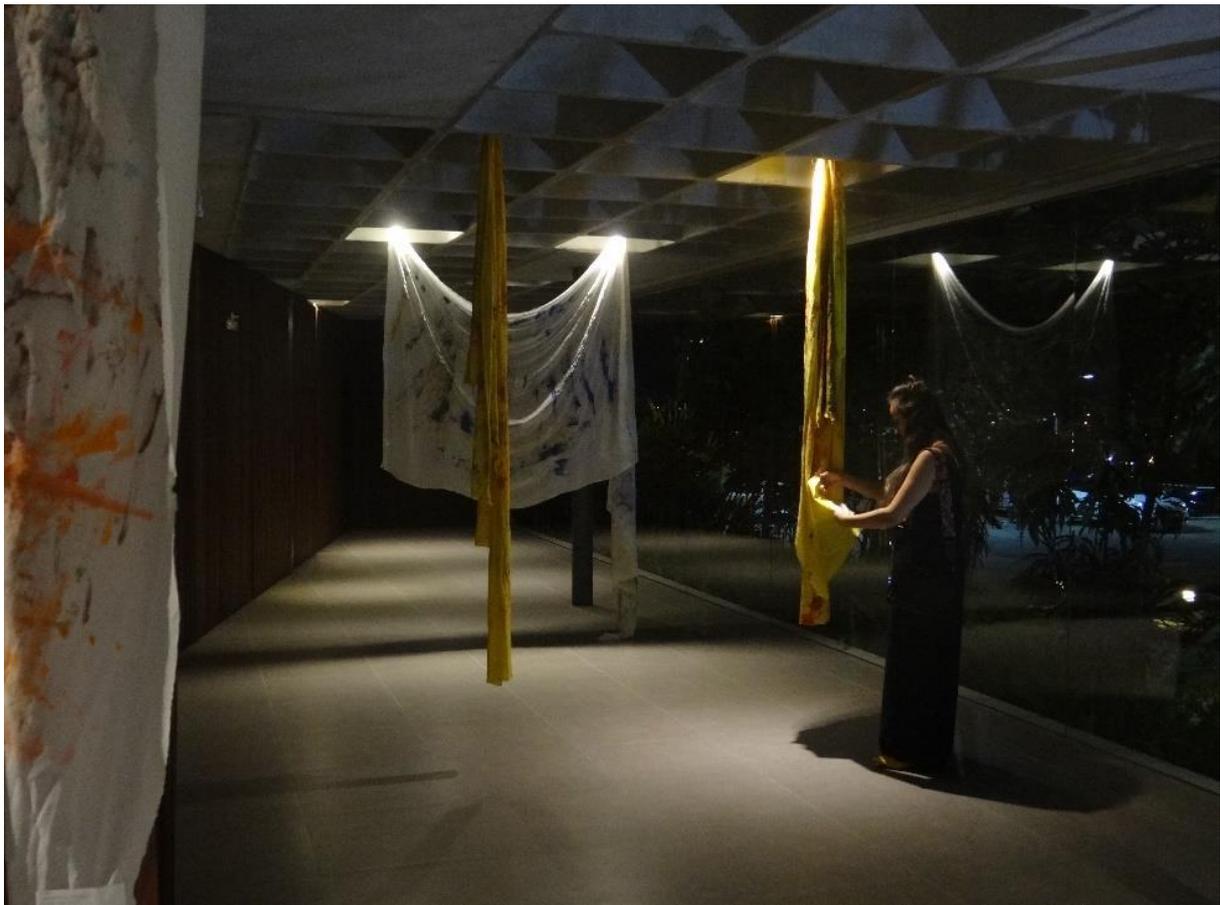


Imagem 16: Exposição com as crianças - técnicas semelhantes

Fonte: Acervo da pesquisadora

Imagem 17: Exposição com as crianças - técnicas semelhantes

Fonte: Acervo da pesquisadora



Experenciar as minhas produções e levar propostas semelhantes aos estudantes, é um sentimento singular e inexplicável. A reação das crianças às atividades foi melhor que o esperado. Foram respostas diversas e variadas. O simples fato de misturarem várias cores de tinta para ver em que resultaria e a cara de surpresa da criança ao dizer: “uau, ficou da mesma cor da minha pele”, é inexplicável. Quando as crianças perguntaram: “e o pincel?” e respondi: “usem a criatividade, não temos pincéis”. O olhar deles uns para os outros e para mim, como quem

Cá entre nós, não conseguimos deixar de esperar alguma coisa. Assim como os/as estudantes, criamos expectativas - mesmo sabendo que a resposta deles/as é incerta - sobre suas possíveis reações. E nunca é como esperado, para melhor ou para “nem tanto”.
Primavera, 11:11 ✓

pergunta: “eu posso?”. Alguns levantaram as mãozinhas, como quem pergunta: “eu posso?”. E um simples acenar com a cabeça, fez com que a corrida para quem vai em busca de algo, mas sem buscar alguma coisa, inicia. E depois de todo processo de produção, as crianças mostrando aos familiares com muito entusiasmo o que aconteceu no dia em que levaram uma roupa velha extra. Os familiares surpresos.

A escola é compreendida como o lugar aonde a criança vai todos os dias para aprender, adquirir, obter, articular e produzir informações, porta-voz sociocultural de um modo de aquisição de conhecimento. Quando a escola dispõe de um espaço e de um tempo para o ensino de arte, sem dúvida alguma, esse fato, em si, já nos coloca diante de uma postura educacional totalmente diferente da postura de uma escola que não comporta o ensino de arte; justamente por considerar a arte como uma disciplina que proporciona um sistema de aprendizagem através do cultivo dos sentidos e da sensibilidade (DERDYK, 2011, S/P).

São estas experiências práticas em sala de aula que, muitas vezes, nos apresentam e oportunizam vivências sobre o ser artista, o contato com nossa produção e a dos colegas, que é quando nos aproximamos do ser professor-artista. Estes espaços que permitem, aos professores e professoras em formação, falas e apresentações mais qualificadas sobre arte. São espaços/lugares que nos permitem sair do raso, oportunizam vivências significativas, nos movem e nos provocam a sair do comodismo. Nas palavras de Facco:

[...] o espaço do ateliê poderá ser entendido como lugar de ensino e aprendizagem na prática do olhar, um lugar de potência como eixo gerador de um conhecimento que não perpassa somente pelo ensino técnico, mas também pelo senso estético que promove, um lugar de mobilidade de forças (FACCO, 2018, p.108).

A minha produção final que oportunizou a atividade com as crianças, também esteve na exposição de reabertura da Galeria Willy Zumblick no Centro Cultural Jorge Zanatta (Imagem 18 a 21). Exatamente no mesmo lugar, no mesmo espaço da sala que sonhava de olhos abertos quando criança. Aquele lugar/espaço me oportuniza inúmeras lembranças. Quando criança visitava as exposições no Jorge e ficava muito eufórica para contemplar tudo aquilo. Lembro-me que ficava

*Ah, o Jorge!
Primavera, 11:11 ✓*

pensando toda vez que entrava na galeria – em outra época foi um laboratório – eram tantos pensamentos que dançavam em minha cabeça. A primeira é que não entendia os motivos que levavam uma galeria de arte ter aquelas pias e balcões que faziam e não faziam parte da exposição. A segunda é que meus colegas perguntavam se eu queria ir na frente deles, não entendia. E a terceira era o meu sonho de expor naquela sala/laboratório. Com a certeza que esse dia chegaria, era um sonho perdido em minhas lembranças e rememorado no Curso de Artes Visuais.

Queria tanto entrar e ver o que teria dessa vez e por que eles não?
Primavera, 11:11 ✓

Parece que vem a imagem certinho e a emoção que sentia ao imaginar.
Primavera, 11:11 ✓



Imagem 19: Montagem da exposição Compreender-Refletir-Transcender

Fonte: loluvi - lolanda

Imagem 18: Abertura da exposição no Centro Cultural Jorge Zanatta

Fonte: Lip Wadocha





Imagem 20: Exposição no Centro Cultural Jorge Zanatta

Fonte: Mnrns - Marina Réus.



'19 6 4

Em entrevista à *Revista Bravo!*²⁴, a artista e professora Edith Derdyk se autointitula como costureira. As linhas, aos olhos da artista, é que permitem essas conexões do entre. A linha está vindo de algum lugar e indo para outro lugar como uma busca de um porvir, e existem acontecimentos no entre. A artista e professora ressalta que o processo de pesquisa da produção artística é movimento – que relaciono com o chão da escola, com o ensino em suas diversas instâncias – e esse movimento que surge no ateliê da artista é o que cria esse espaço de diálogo com as materialidades. Botar, tirar, pensar, refletir, inserir, quebrar, cortar, construir, desmanchar, recomeçar. Mudar as coisas de lugar para ver as coisas acontecerem, que a artista considera o trabalho de ateliê. A situação de ateliê e as possibilidades da convivência com vários trabalhos e materialidades, são momentos diferentes e que criam diálogos para além da artista.

Poderíamos elencar inúmeras atividades que oportunizaram práticas artistas e experiências que reverberam em práticas docentes significativas no espaço escolar, entre muitas relações que os ateliês e o laboratórios oportunizam. Compartilhar, rememorar, recriar, criar, revisar, voltar, seguir. São comunicações entrelaçadas, cruzadas, entre o eu e o outro; o eu e as materialidades; singularidade e coletividade. Essas narrativas enviesadas, costuradas; e por que não descosturadas? Oportunidades. Proposições. Outros modos de fazer/ver/pensar. Outras 'coisas'.

Aproprio-me aqui, dos termos utilizados pela artista, e costuro relações com as produções de Edith Derdyk, além das práticas nos ateliês, com a escola. Como a instalação em 2019, no Sesc Ipiranga, composta por 485 hastes de ferro fixadas em uma parede foram entrelaçados 70 mil metros de linhas brancas esticadas, que ocupou 17 metros de extensão e aproximadamente 2 metros de altura (Imagem 22 a 25). A instalação é intitulada Moiras, retirado da mitologia grega em que três irmãs são divindades que controlam o destino e o curso das vidas de deuses e de seres humanos; cada uma é responsável por uma atividade: fiar, tecer e cortar fio da vida

²⁴ Entrevista com a artista e professora Edith Derdyk na Revista Bravo!: *Ateliê do Artista: Edith Derdyk* - <https://www.youtube.com/watch?v=IriA9Z0OcNg>, 2019.

dos mortais. A artista não estabelece relação direta com a história em sua produção, mas considera parte do processo: “Comecei a pensar muito na linha dotada de sentidos, ligada à questão dos destinos: de onde vem e para onde vai; o tempo de saída e o tempo de chegada; a linha como elemento transitivo e transitante, que é da natureza dela”.²⁵

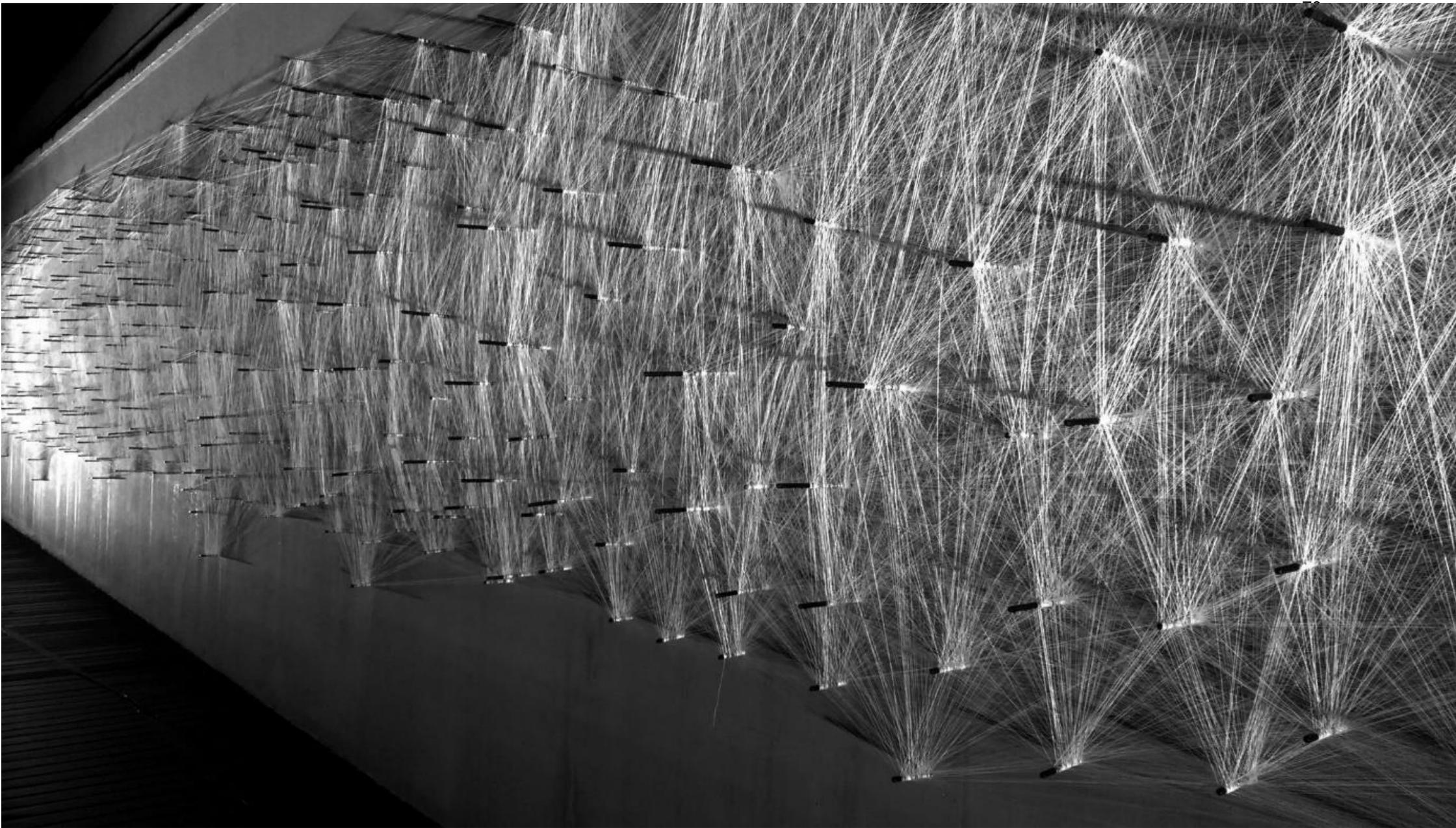


*Imagem 22: Detalhe da instalação
Moiras - Edith Derdyk
Fonte: Portal ARTE!Brasileiros
Foto: Rosa Antuna*

²⁵ Informações retiradas da entrevista ao Arte Brasileiros em 2019 por Marcos Ferraz: *Instalação de Edith Derdyk cria tramas, conexões e tessituras no Sesc Ipiranga* - <https://artebrasileiros.com.br/topo/instalacao-de-edith-derdyk-cria-tramas-conexoes-e-tessituras-no-sesc-ipuranga/>



*Imagem 23: Detalhe da instalação
Moiras - Edith Derdyk
Fonte: Portal ARTE!Brasileiros
Foto: Rosa Antuna.*



*Imagem 24: Foto de divulgação
para exposição Moiras
de Edith Derdyk*

Fonte: Portal ARTE!Brasileiros

Acúmulo, repetição, conectividade, encontros, desencontros, estabilidades, instabilidade e trabalho coletivo; são algumas palavras utilizadas nos processos criativos e construtivos de Derdyk e que muito se assemelham com meu percurso na formação docente. Construção coletiva, conexão com outras áreas como podemos observar na imagem a seguir.

*Imagem 25: Construção da
instalação Moiras de Edith Derdyk*

*Fonte: Portal ARTE!Brasileiros
Foto: Fernando Fogliano.*



Os entre lugares, das nuances entre as passagens e os fragmentos das permanências; entre outras atividades, ações, ocupações e exposições; o espaço/lugar do ateliê ganha dimensão, antes, inimagináveis. O entre dessas relações, a partir do momento que as construo e compreendo os significados na minha formação, passam a me preocupar com o distanciamento dos ateliês e laboratórios no final da graduação. Justamente pelas experiências que dão significados outros para a minha formação como professora de Artes.

No início do semestre, combinamos entre alguns colegas da turma fazer algumas aulas aos sábados, como proposta de um grupo de práticas artísticas. Nas primeiras aulas combinamos que trabalharíamos com séries e a partir daí o grupo, juntamente com a professora, já estava dialogando sobre como poderia se dar a organização dos sábados, e sobre os textos como possibilidade de abrir conversas entre as práticas. Não saiu como previsto. Fomos pegos pelo isolamento advindo de uma pandemia. A universidade teve uma virada de chave rápida, mas a nossa, demorou um pouco mais. Esse processo de adaptação com o novo, fez com que tivéssemos ideias tardias, mas com muitos significados. A certeza que o ateliê, presencial, com a prática e a 'mão na massa', tem sua importância para nossa formação.

Existe uma necessidade urgente de reinventarmos um espaço e um tempo no cotidiano para que esta experiência – de criação – nos pertença em todos os momentos de nossas vidas, de maneira plena. O gosto pelo jogo da criação estabelece vínculos profundos entre o adulto e a criança, entre o educador e o educando, entre os sujeitos que se apropriam de suas identidades e alteridades, sempre, em qualquer lugar, e em qualquer espaço (DERDYK, 2011, S/P).

Canton (2009), fala sobre o momento histórico chamado globalização ou mundialização, sem nem mesmo saber o que o futuro aguardava e os impactos ainda maiores sobre as intensas necessidades da adaptação da vida contemporânea e tecnológica. O que permanece a refletir sobre esses “[...] deslocamentos constantes [que] nos fazem sentir que o lugar de pertencimento, de aconchego é constantemente substituído por uma necessidade de nos adaptar [...]” (p.58). O que nos remete ao

momento de adaptação com as aulas mediadas por tecnologias e, sim, as aulas de ateliês serem repensadas para o momento que pedia ressignificação desses lugares.

Tivemos aulas extras não obrigatórias. No primeiro momento essas aulas foram pensadas como complementação presencial das aulas práticas, mas os casos de doentes por coronavírus aumentava, e por condições de segurança, as aulas extras se mantiveram mediadas por tecnologia. Durante as aulas extras de Ateliê de Cerâmica, a professora lançou possibilidades de como poderíamos aproveitá-las, mas propôs que deveria partir do grupo aquilo que tivesse significado como ateliê virtual. Dentro dos artistas que conhecemos durante essas aulas, as produções – em sua maioria fotográficas, porque foi nossa primeira alternativa – como estávamos produzindo, quais nossas percepções, sentimentos e sensações sobre o momento; entre outras motivações para possivelmente pensar em um pequeno projeto.

Em uma das aulas, retomamos nossa vontade de reativar o grupo de práticas artísticas que reverberaria em produções com séries, sequências. A partir daí, passamos a pensar sobre sequências e repetições do nosso mundo em isolamento. E foi quando surgiu *SÉRIES: aberturas*. Passamos a conversar sobre as aberturas dos espaços/lugares que estávamos habitando naquele momento, com aquela situação. Essas aberturas foram pensadas como passagem e permanência. *SÉRIES: aberturas* foi publicada no BDN – Bloco de Notas²⁶ do GPA – Grupo de Pesquisa em Arte²⁷,

A ideia de série ligada ao processo da produção cerâmica, agora ganha outra perspectiva levando em conta nosso olhar mais voltado às novas rotinas criadas. Voltarmos para nossa casa, perceber detalhes antes invisíveis, ressignificá-la transformando-a em sala de aula/ateliê/escritório foi como provocar a abertura do olhar. Em diálogo, chegamos a três palavras que moveram nossas produções: portas, janelas, rachaduras. Pensamos através da ideia de entradas, permanência, saídas. Quantas possibilidades essas palavras nos trariam? (BDN #7, 2020).²⁸

²⁶ [O BLOCO DE NOTAS](#) é um informativo, um espaço para compartilhar e conectar ideais, opiniões, reflexões, pesquisas e / ou experiências sobre arte e cultura contemporânea. Um espaço que possui vários posicionamentos apresentados, em diferentes idiomas da arte, que pode abrir debates e construção de conhecimentos no campo da arte e da cultura.

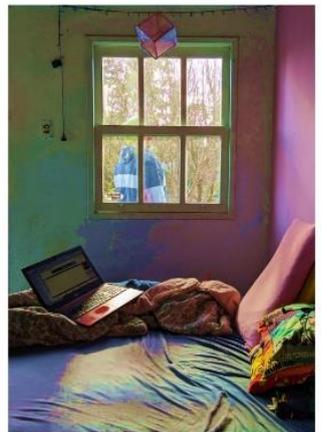
²⁷ O GPA – Grupo de Pesquisa em Arte, é o grupo de pesquisa do Curso de Artes Visuais da Unesc. Participam desse grupo professores/as do curso, acadêmicos/as e agressos/as. Participo do grupo desde 2017, como bolsista de iniciação científica e acadêmica do curso de Artes Visuas.

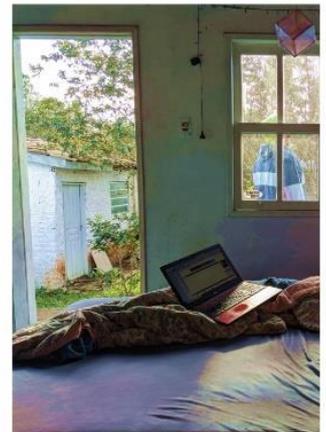
²⁸ Considerações dos artistas no [BDN #7](#).

A curadoria conjunta do Bloco de Notas foi de Francine Nazário, Isaac Cargnin, Juliana Drewke e Marina Réus; com a orientação professora Odete Angelina Calderan e a produção artística coletiva de Bianca Marinheiro, Camila Villasuso, Francine Nazário, Isaac Cargnin, Juliana Drewke, Karolyne Pacheco e Marina Réus; que resultou:

*Imagem 26: SÉRIEs: aberturas -
janelas*

Fonte: acervo da pesquisadora.



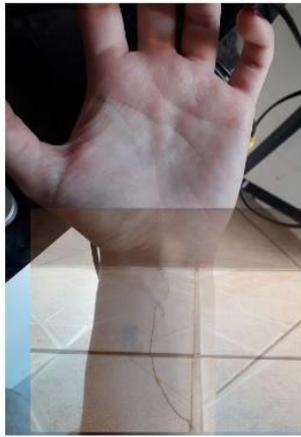
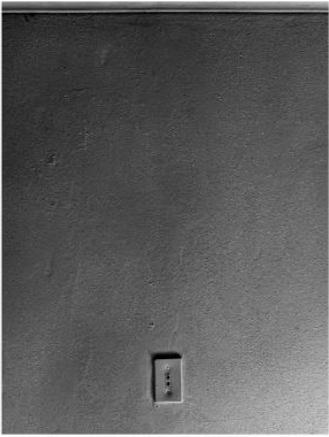
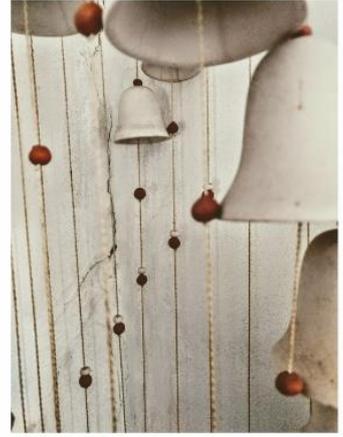


*Imagem 27: SÉRIEs: aberturas -
portas*

Fonte: acervo da pesquisadora.

*Imagem 28: SÉRIEs: aberturas -
rachaduras*

Fonte: acervo da pesquisadora.



Com isso, como nos diz Dewey (2010) e afirma, em depoimento²⁹, Derdyk (2008), que fala sobre o processo criativo como espaço que está aberto a possibilidades e tem a potencialidade de permitir muito mais do que o produto [pronto]. São momentos como estes, de incertezas, que nos remetem, relacionam, conectam aos porvires, antes mesmo de acontecer. O contato com os ateliês até o momento que se fez possível, foram o que nos conectaram ao imprevisto, as ‘cartas nas mangas’ se apresentaram como estudantes, e novamente, chegamos a solução muito pelos contatos anteriores às práticas em ateliês e laboratórios oportunizados durante o nosso percurso formativo na graduação em Artes Visuais. E a partir disso,

[...] penso no espaço entre aquilo que você pensou e não aconteceu, e aquilo que você pensou e aconteceu. Que são os acasos! É nesse espaço que acontecem as surpresas. Então quando você tem um projeto, não é simplesmente pegar e executar, porque inclusive perde a graça. A graça toda é você ir encontrando as surpresas, os desconhecidos, os acontecimentos que não acontecem, coisas que acontecem que de repente você não previa. Então você está aberto aos erros e esses a acasos é você colocar a arte nessa zona de experimentação” (DERDYK, 2008).³⁰

Neste caso, a relação com os ateliês no processo formativo na docência em arte, permite-nos ampliar repertórios e compreender o processo da sala aula no sentido das chamadas “cartas nas mangas”. Além de potencializar nossas falas, auxilia na resolução de problemas complexos em sala de aula. O que ficou evidente em muitos dos nossos seminários de socialização dos estágios e mesmo no PIBID. Vivências de ateliê foram fundamentais para nos auxiliar durante os estágios obrigatórios em momentos que nem sempre os projetos acontecem como planejado. Eles podem ser norteadores, mas os/as estudantes são seres subjetivos, com inteligências diversas, personalidades outras; são seres pensantes e tem algo para nos propor. Os ateliês nos oportunizam trabalhar de maneira coletiva e isso auxilia no contato e combinações com os sujeitos da escola abertos para possibilidades.

²⁹ Depoimento de Edith Derdyk colhido para o Setor de Arte-Educação do Centro da Cultura Judaica de São Paulo, que tem como foco a formação de professores, e a educação não-formal de crianças, jovens e adultos da rede pública e particular de ensino. Direção do vídeo: Paulo Baroukh 2008, https://www.youtube.com/watch?v=3RBfRv7m0So&feature=emb_rel_end.

³⁰ Depoimento de Edith Derdyk colhido para o Setor de Arte-Educação do Centro da Cultura Judaica de São Paulo, que tem como foco a formação de professores, e a educação não-formal de crianças, jovens e adultos da rede pública e particular de ensino. Direção do vídeo: Paulo Baroukh 2008, https://www.youtube.com/watch?v=3RBfRv7m0So&feature=emb_rel_end.

5. PROJETO DE CURSO – INTERLOCUÇÕES ARTÍSTICAS E PEDAGÓGICAS

5.1 APRESENTAÇÃO:

O presente projeto dialoga com a pesquisa aqui apresentada, a iniciar com a importância dada na relação entre as práticas nos ateliês - as práticas artísticas - e as práticas do/a professor/a de Artes - os saberes pedagógicos. A artista e professora Edith Derdyk aparece entre os diálogos da pesquisa para falar dessas experiências. O desenho em campo expandido, a ocupação dos espaços/lugares e a relação com as suas produções e a experiência que acontece no *entre*. Entre as linhas, entrelinhas, entre um lugar e outro, entre os espaços, entre uma pessoa e outra. Conexões.

5.2 EMENTA:

Processos artísticos e artistas contemporâneos. Experimentações de materialidades do desenho em campo expandido. As possibilidades do desenho contemporâneo na prática e para uma formação crítica. Interlocuções das poéticas artísticas no campo da visualidade e das possibilidades da arte contemporânea. Articulações por meio de ambiente virtual interativo.

5.3 CARGA-HORÁRIA:

20h (presencial 14h e virtual síncrono 6h)

5.4 PÚBLICO-ALVO:

O Curso tem como público alvo, profissionais graduados e graduandos em Artes Visuais Licenciatura.

5.5 JUSTIFICATIVA:

A proposta de curso surge da minha relação com o Inova Unesc e com o Arte na Escola. São espaços que oportunizaram contato com professores/as em atuação, tanto na graduação quanto da educação básica. Considerando a formação continuada um espaço de reflexão de práticas pedagógicas e compartilhar de experiências entre docentes e por vezes com acadêmicos/as com pretensões professorais. Com isso, passo a pensar na formação continuada como espaço para pessoas em constante

formação, com pessoas diversas, sem categorização de títulos. Apenas, aprender e ensinar; e vice e versa.

A partir disso, penso em uma formação continuada que dialoga com as práticas artísticas e os saberes pedagógicos, oportuniza desde os professores e as professoras de Artes que não puderam ter uma formação vinculada às práticas artísticas, até acadêmicos/as que pretendam aprimorar suas práticas e relações com os saberes. Além disso, o receio que ressaltou durante a pesquisa sobre não ter o mesmo contato com os ateliês depois de formada, fez com que pensasse em uma proposta que mantivesse esses diálogos com as práticas de docentes recém formados.

Parto do desenho contemporâneo como aquele que quebra estereótipos e paradigmas sobre o desenho e sobre as aulas de Artes. Pensar no desenho desde um meio de estabelecer relações e simplificar aquilo que algumas vezes não conseguimos 'explicar', uma forma de apreensão esquemática, através de esboços que fazemos para simbolizar uma ideia que não podemos perder; assim sendo um meio de registro rápido para insights. Até o desenho como possibilidade de resolver problemas complexos, criar conexões, oportunizar reflexões diversas; como espaço, como ocupação.

O desenho de criação possibilita à exploração natural, diversidade de materiais, a pesquisa visual; propondo pensar amplas alternativas, percepção de valores estéticos. Se por um lado o desenho é visto como um limitador de barreiras, por outro lado pode diluir fronteiras perceptíveis na docência. Com isso, o desenho pode estar relacionado ao processo inventivo e os desenhos de criação não estão condicionados em serem passageiros, mesmo sendo a materialidade das ideias. O desenho de criação possibilita à exploração natural, diversidade de materiais, a pesquisa visual; propondo pensar amplas alternativas, percepção de valores estéticos. Se por um lado o desenho é visto como um limitador de barreiras, por outro lado pode diluir fronteiras perceptíveis na docência (VALLE, 2015).

As produções de Edith Derdyk apresentadas no decorrer da pesquisa, que propõem conexões nos entre-lugares, entre-diálogos, entre-pessoas, entre ir e vir e que dialogam com processos e percursos são o ponto de partida para reflexões das práticas artísticas e saberes pedagógicos. São produções artísticas contemporâneas

que podem nos trazer reflexões entre a teoria e a prática, saberes e fazeres, universidade e escola, formações. Além de repensar o que se ensina e se aprende na escola sobre o ensino da arte, em arte e para arte.

5.6 OBJETIVOS:

5.6.1 Objetivo geral:

Desenvolver a investigação a partir do desenho em campo expandido com o intuito de estabelecer relações entre práticas artísticas e saberes pedagógicos.

5.6.2 Objetivos específicos:

- Propiciar reflexões entre o que pode ser um desenho e como podemos pensar a aula de Artes.
- Propor apreciação da arte contemporânea e conhecer artistas.
- Experimentar técnicas artísticas e diversos materiais.

5.7 METODOLOGIA:

Proposta metodológica para os encontros:

ENCONTRO	TEMA	FORMATO	CH	DESCRIÇÃO DA PROPOSTA
1	Diálogos sobre arte contemporânea: o que pode ser um desenho?	Virtual/síncrono	2h	O encontro iniciará com a pergunta: o que pode ser um desenho? que será respondida pelos participantes pelo <i>Mentimeter</i> que resultará em uma nuvem de palavras. A proposta é que surjam diálogos a partir daquilo que já faça sentido aos participantes. Após o diálogo encerrar com a leitura de " Desde sempre, sempre desenhei " da revista <i>Visualidades</i> escrito por Edith Derdyk. Responder no fórum do <i>Classroom</i> a pergunta final do texto "Onde o desenho acontece?"
2	Experimentações entre linguagens e materialidades	presencial	6h	Primeiro momento: Partir a conversa das respostas no fórum e do texto do encontro anterior. A partir de um rápido diálogo no ateliê de Gravura, reconhecer outras formas de desenho a partir das materialidades, mas ainda pensando no desenho como algo plano.

				<p>Segundo momento: Leitura da matéria <u>“Instalação de Edith Derdyk cria tramas, conexões e tessituras no Sesc Ipiranga”</u></p> <p>No ateliê de Pintura, apresentar materiais diversos para pensar o desenho como movimento - espaço - ocupação; além de pensar, produzir, criar.</p> <p>Os diálogos devem ser breves, em média de 20 a 25 minutos para que possam colocar a ‘mão na massa’. Com isso, sugerir que leiam matéria novamente e aliando às práticas do dia, responder sobre as experiências no fórum do <i>Classroom</i>.</p>
3	Práticas artísticas contemporâneas	Virtual/síncrono	2h	<p>Iniciar com diálogos sobre as construções até o momento. Assistir ao depoimento de Edith Derdyk. Propor organização de grupos e criar esquemas/desenhos sobre as técnicas de desenho que conhecem. Iniciar construções para o próximo encontro nos ateliês e o que gostariam de experimentar. Esses esquemas servirão para o próximo encontro, que dependerá dos resultados desse encontro. Os esquemas devem ser postados no <i>Classroom</i>. Propor apresentação de 5 minutos para o próximo encontro, cada grupo, como possibilidade de troca.</p>
4	Laboratório de Práticas Artísticas Contemporâneas I	presencial	4h	<p>Iniciar com o questionamento: quais as maiores dificuldades para execução da atividade do encontro anterior? Cada grupo deve apresentar os esquemas para o grande grupo. A partir disso, assistir o vídeo Arte e Cultura: Ateliê Edith Derdyk</p> <p>Empilhamento, acúmulo e a relação com o desenho, arte e o ensino da arte. A partir disso, já se tem uma prévia do que os/as participantes gostariam de experimentar. Esse encontro dependerá das respostas do encontro anterior. Atividade será em grupo.</p>
5	Laboratório de Práticas Artísticas Contemporâneas II	presencial	4h	<p>Iniciar conversando sobre os experimentos do encontro anterior. E iniciar diálogo sobre lugar e espaço, retomar o desenho em campo expandido. Que campo expandido é esse? Como pensamos lugar/espaço? Como ocupamos esses lugares/espaços? Passagem e/ou permanência? São alguns</p>

				questionamentos que devem ser feitos durante a conversa. Depois disso, continuar com os grupos e propor retomar os esquemas (desenhos) do encontro 3. E agora, como incluímos a ocupação de espaço nesse esquema? Como pensamos o campo expandido no esquema apresentado? Cada grupo deve pensar a partir de seus esquemas em ocupar espaços da universidade com o/s desenho/a. Oferecer materiais diversos: linhas, cordões, papel, tinta, giz; outros. (Os materiais oferecidos também podem ser pensados a partir das respostas dos encontros anteriores).
6	Espaço de criação	Virtual/síncrono	2h	Iniciar conversando sobre as experiências dos encontros: O que ficou? Depois, ler o artigo da Edith Derdyk sobre O espaço da criação e a criação do espaço e dialogar sobre os espaços de criação na escola e para além dela.

A proposta é pensada como possibilidade de um curso híbrido, entre encontros presenciais e virtuais, como proposta de ensino apresentada no decorrer da pesquisa. Apresenta-se no formato presencial para as práticas artísticas e virtual (*online*) para a parte teórica; aliando reflexões sobre os saberes e processos pedagógicos. A proposta do virtual, como apresentada em nossas experiências e nas pesquisas de campo. Com isso, pensa-se em discussões que partam de textos curtos para abrir conversas, poesias, músicas, imagens, vídeos curtos.

As aulas virtuais ocorrerão via *Google Meet* e as postagens de atividades e materiais complementares serão no *Classroom*, também como meio de acompanhar e conectar as discussões entre teoria e prática. Faz-se necessárias conexões entre as aulas práticas (presenciais) e teóricas (virtuais), a fim de considerar a sequência didática como um dos princípios para as aulas de Artes também na escola; pois existem conexões nos assuntos e passa a construir sentido e relações entre as temáticas/assuntos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso da presente pesquisa apresentou questões teóricas que abarcam o ensino e aprendizagem desde muito. Paulo Freire nos anos 90, já falava sobre a autonomia para uma aprendizagem significativa, e a necessidade do protagonismo docente e discente. Teóricos da atualidade passam a falar sobre a necessidade da mesma autonomia e assim dos protagonismos que envolvem o ensino e a aprendizagem. Os impactos causados pela pandemia da COVID-19 acometeram e acometem a educação – e diversos setores – e passamos a perceber o quanto se perde quando não trabalhamos para um ensino autônomo que considere protagonismo docente e discente. Com a presente pesquisa, pudemos observar que não estávamos tão preparados como poderíamos. Não apenas na falta de tecnologias eficientes do ponto de vista de alguns, mas ao fato de estarmos abertos para o que já estava por vir e ainda as nossas dificuldades com a autonomia para o ensinar e o aprender; reflexo de uma história da educação fragilizada.

Ainda na problematização apresentada, no que se refere aos impactos sobre as experiências com ensino e aprendizagem em ambiente virtualizado de professores, professoras e estudantes de licenciatura em Artes Visuais, e como foram impactados em tempos de Covid-19, foi possível identificar o quão subjetivos somos no processo de aprendizagem. Cada um teve seu tempo, todos e todas tiveram aprendizados significativos para pensar os processos de ensino. Entre as experiências do período, é possível reconhecer que para professores e professoras em formação participar desse movimento, remete-nos a reflexões, talvez, inimagináveis, e que são potentes do ponto de vista de uma educação libertadora. Assuntos como inovação pedagógica, em especial, passam a superar barreiras e fazer parte da rotina, não apenas de professores e professoras em atuação, mas também, os que estão em formação, ultrapassando pensamentos, por vezes, limitantes das pessoas da educação quanto às necessidades para um novo ensino.

As AMT nos trouxeram experiências com significados importantes para pensar a educação que queremos. E reflexões sobre o que pretendemos com esses aprendizados. Ainda, aprendemos nas vivências das aulas virtualizadas o que estava em teoria. Vivências forçadas, mas não forjadas, o que apresenta aproximação com

as realidades do ponto de vista institucional, docente, discente, estrutural e tecnológico e que envolvem o ensino, a aprendizagem, o protagonismo e a autonomia. Conseguimos perceber, a partir das nossas experiências, até o momento, que é possível utilizar as tecnologias a favor da educação e que o ensino híbrido é possível e eficiente se bem estruturado e pensado. Que as aulas práticas necessitam da presencialidade, pois elas nos aproximam de realidades, e proporcionam vivências significativas para nossa atuação profissional. Que as aulas teóricas podem acontecer de maneira virtual com aprendizagens significativas e que oportunizam o desenvolver e/ou aperfeiçoar a autonomia, também importante para nossa formação.

Quanto as questões que nortearam a pesquisa, foi possível identificar na pesquisa realizada com professores, professoras e estudantes de Artes Visuais Licenciatura, que a maioria já tinha certa intimidade com a virtualidade. Ao analisar as respostas, muitos/as utilizaram termos como: aulas mediadas por tecnologias, ensino remoto e aulas híbridas; apresentando aproximação com aquilo que até então era desconhecido – ou pouco conhecido. Mas que nem todos/as os/as pesquisados/as conseguem vislumbrar mudanças para depois da pandemia.

Sobre as produções artísticas, as respostas dos/as pesquisados/as, mesmo que com alguns bloqueios iniciais, por vezes, foram os processos criativos que de algum modo oportunizaram ‘sair da caixa’, refletir outros modos de fazer e pensar os nossos processos criativos. E isso, foi possível acompanhar na produção da 8ª fase no Ateliê de Cerâmica, com a produção *SÉRIEs: aberturas*. Considero que a busca de outros modos de fazer e pensar, foi o instrumento que auxiliou em uma formação libertadora, mais autônoma e com caminhos para desenvolver pensamentos para resolução de problemas encontrados na sociedade. O que tornou possível adaptar aulas de ateliês em modo remoto, mas que também, veio a afirmar que são aulas que necessitam da presencialidade e que faltam – quando não ocorrem – na formação de professores e professoras de Artes. Em outras palavras, neste caso, as adaptações trouxeram experiências significativas para a formação docente, no entanto, são experiências que podem ser oportunizadas de outras maneiras.

A produção *SÉRIEs: aberturas*, também oportunizou olhar por entre frestas, rachaduras, portas e janelas, possibilidades para o processo criativo durante a pandemia. O que também foi identificado na produção *Espaços/lugares: observáveis*

e *não-observáveis*, de minha autoria. Foram essas produções, que de certo modo, oportunizaram um olhar outro para o novo, para as mudanças. Vínculos e conexões que essas produções durante tempos pandêmicos construíram como possibilidades de processos de ensino e de aprendizagem.

No caso das produções com linhas da Edith Derdyk, é justamente na tentativa de construir essas conexões com as práticas pedagógicas e os processos criativos/artísticos que os ateliês oportunizam. Mas como no caso de *Moiras*, em que a mitologia propõe uma qualidade para cada irmã, remete a intenção de coletivo, em que cada um tem especificidades, somos seres subjetivos e diversos. E isso fica evidente nas AMTs. Cada um teve seu tempo para se adaptar, aprender, construir. Arrisco dizer, que ainda estamos nesse processo. Mas que o próprio processo oportuniza coletas no entre, como sugere Derdyk ao falar da sua instalação *Fantasmagoria*. É como se a natureza aberta fosse o ciberespaço e as folhas – todas que ficarem/grudarem nas linhas e a própria mudança de cores, manchas nas linhas – fossem o aprendizado, as experiências. É um espaço infinito, que por vezes nos sentimos até perdidos, mas que uma página se conecta a outra, por meio de links que podem ser vistos como portais e que não sabemos o que tem do outro lado, trazendo a ideia de sombras e vultos da própria *Fantasmagoria*.

Entre análises, reflexões e pensamentos diversos que a pesquisa propiciou, compreendo que o percurso formativo na graduação de licenciatura em Artes Visuais, a considerar as práticas a partir do que foi vivenciado nos ateliês, foi significativo do ponto de vista sobre aquilo que já pude relacionar com os saberes e práticas pedagógicas. Como as conexões e relações com o meu processo criativo que reverberou na produção *Compreender-refletir-transcender* e as práticas em sala de aula com a turma do 2º ano do fundamental. São essas experiências nos ateliês que nos permitem ampliar repertórios artísticos e que intensificam nossas falas. Além disso, auxiliam na resolução de problemas complexos em sala de aula; que neste caso, são as complexidades da profissão docente. Compreendo, a partir do conceito de experiência aqui exposto, que me permiti experimentar as propostas de ateliê, as materialidades, as possibilidades, os saberes e os fazeres. São essas práticas que me permitirão ser a professora de Artes e artista capaz de oportunizar mudanças significativas, não do mundo, mas sim, de algumas realidades.

[...]

Mesmo de longe

E você aí e eu aqui

Quando eu me cuido

Também cuido de ti

Mesmo de longe

E você aí e eu aqui

Quando eu cuido de mim

Eu cuido da gente também

O amor é ponte

O amor é ponte não muro

Juntos, nunca sós

Nós cuida de nós

Juntos, Nunca Sós -

por Francisco, el hombre e Luê, inspirada num

poema do Castello Branco

REFERÊNCIAS

- CANTON, Kátia. **Espaço e Lugar**. Coleção: Temas da Arte Contemporânea. São Paulo: WMF, 2009.
- CANTON, Kátia. **Narrativas Enviesadas**. Coleção: Temas da Arte Contemporânea. São Paulo: WMF, 2009b.
- DERDYK, Edith. **O espaço da criação e a criação do espaço**. Revista Emília, 1 set. 2011. Disponível em: <https://revistaemilia.com.br/o-espaco-da-criacao-e-a-criacao-do-espaco/>. Acesso em: 9 nov. 2020.
- FACCO, Marta. **A aula ateliê no contexto da formação inicial do professor de Artes Visuais**. Revista Apotheke, ano 4, v. 4, ed. 3, p. 102-110, 2018.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 165 p.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2000.
- HORN, Michael B.; STAKER, Heather. **Blended usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.
- KAUR, Rupi. **O que o sol faz com as flores**. Tradução: Ana Guadalupe. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.
- LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, ed. 19, p. 20-28, 2002.
- LÉVY, Piérre. **Cibercultura**. (C. I. da Costa, Trad.). São Paulo: Editora 34, 1999.
- MOMOLI, Daniel Bruno. **Os desafios da pesquisa em arte: entre a formação do professor e a metodologia da pesquisa em artes visuais**. Revista Professare, v. 1, n. 1, p. 37-49, 2012.
- MORAN, José. **Educação Híbrida: um conceito-chave para a educação, hoje**. In: BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; TREVISANI, Fernando de Mello. Ensino Híbrido: Personalização e Tecnologia na Educação. Porto Alegre: Penso, 2015. p. 27-44.
- PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina. **A cartografia como método de pesquisa-intervenção**. In: PISTAS do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. cap. Pista 1, p. 17-31.
- Santa Maria: UFSM, 2007. 345-356 p.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. São Paulo: Editora Escala, 2015.
- VALLE, Lutiere Dalla. **O desenho de criação como dispositivo para a formação**

em artes visuais: Estratégias pedagógicas para construir-se como investigador no campo da arte educação. Org. OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HERNÁNDEZ, F. A formação do professor e o ensino das artes visuais. 2. ed. rev. e ampl. Santa Maria: UFSM, 2015. 295 p.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

FRANCISCO, EL HOMBRE & LUÊ. **Juntos, Nunca Sós.** Compositores: Luê; Mateo Piracés-ugarte; Sebastián Piracés-ugarte. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/ELwASJFxN5E>. Acesso em: 13 dez. 2020.

O TEATRO MÁGICO. **Deixa ser.** Compositores: Daniel Santiago, Fernando Anitelli e Lucas Silveira. 2016. Disponível em: https://youtu.be/51cSu9QC_IQ. Acesso em: 13 dez. 2020.

APÊNDICE(S)

APÊNDICE A – PERGUNTAS DAS ENTREVITAS VIA GOOGLE FORMS

12/11/2020

Pesquisa com professores/as e acadêmicos/as do Curso de Artes Visuais Licenciatura.

Pesquisa com professores/as e acadêmicos/as do Curso de Artes Visuais Licenciatura.

Olá, espero encontrá-lo/a bem!

Sou Francine Nazário da Silva e estou na 8ª fase de Artes Visuais Licenciatura. Neste momento estou imbricada no processo de pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, motivo que me traz [virtualmente] aqui!

Esta pesquisa tem como proposta investigar sobre as experiências de ensino e aprendizagem que foram desenvolvidas no curso de Artes Visuais Licenciatura da UNESC durante as aulas mediadas por tecnologia - AMT. Sua participação, contribuirá de maneira significativa, para esta reflexão.

Posso contar com sua contribuição no preenchimento do questionário?

Prazo para responder a pesquisa: 14/10/2020

Desde já, agradeço sua participação!

***Obrigatório**

1. Endereço de e-mail *

2. Você é... *

Marcar apenas uma oval.

- Professor/a do curso de Artes Visuais
- Acadêmico/a do curso de Artes Visuais

3. Nome real ou fictício (para ser identificado na pesquisa). *

12/11/2020

Pesquisa com professores/as e acadêmicos/as do Curso de Artes Visuais Licenciatura.

4. Declaro que concordo em participar da pesquisa *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

5. Defina em uma palavra sua experiência com o ensino remoto e aula mediada por tecnologia (AMT). *

6. A partir das experiências das aulas de ateliês de maneira virtual - devido a situação necessária de isolamento - você considera:

Marcar apenas uma oval.

Não consegui perceber as produções durante as AMT.

Consegui me reinventar nas AMT.

Não foi fácil, mas consegui produzir.

7. Comente como ocorreram suas práticas artísticas durante as aulas mediadas por tecnologia (nas aulas de ateliês)?

12/11/2020

Pesquisa com professores/as e acadêmicos/as do Curso de Artes Visuais Licenciatura.

8. Como você define o conceito de experiência e criação em arte nas AMT? *

9. Você tinha uma boa relação com as tecnologias (computador, internet, celular) antes do isolamento social? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Um pouco

10. Relate como foi sua relação com as tecnologias (computador, internet, celular) no decorrer das aulas mediadas por tecnologia? *

11. A partir da sua experiência, quais suas percepções sobre o ensino e a aprendizagem durante o período das AMT? *

12/11/2020

Pesquisa com professores/as e acadêmicos/as do Curso de Artes Visuais Licenciatura.

12. Você reconhece os impactos para educação para depois da COVID19? Quais? *



UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC



Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

sinto muito se este mundo
não te ofereceu segurança
que sua jornada para casa
seja suave e pacífica
- *descanse em paz*

o que o sol faz com as flores - rupi kaur